

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO- CED
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**A juventude quilombola na Comunidade Invernada dos
Negros da década de 1960 e da atualidade: relações de
trabalho e da escolarização.**

Adriana Ferreira da Silva

Florianópolis- SC, Julho de 2014.

ADRIANA FERREIRA DA SILVA

**A juventude quilombola na Comunidade Invernada dos Negros da
década de 1960 e da atualidade: relações de trabalho e da
escolarização.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Educação do
Campo da Universidade Federal de
Santa Catarina como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Licenciado em Educação do
Campo.

Orientadora: Prof. Dr. Natacha
Eugênia Janata.

Florianópolis- SC, Julho de 2014.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

da Silva, Adriana Ferreira

A juventude quilombola na Comunidade Invernada dos Negros da década de 1960 e da atualidade : relações de trabalho e da escolarização / Adriana Ferreira da Silva ; orientadora, Natacha Eugênia Janata - Florianópolis, SC, 2014.

66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Educação do Campo.

Inclui referências

1. Educação do Campo. 2. Memória Oral. 3. Quilombola. 4. Trabalho. 5. Escolarização. I. Janata, Natacha Eugênia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**A juventude quilombola na Comunidade Invernada dos Negros da
década de 1960 e da atualidade: relações de trabalho e da
escolarização.**

Adriana Ferreira da Silva

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Educação do campo aprovado pela banca examinadora
abaixo assinada:

Prof^a Natacha Eugênia Janata
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC)

Prof. Dr. Raquel Mombelli
Universidade Federal de Santa Catarina (CFH/UFSC)

Prof. Dr. Beatriz Collere Hanff
Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por possibilitar a realização de um dos meus sonhos que se concretiza dentro de uma universidade, assim como me ajudar nos momentos difíceis dessa caminhada.

Agradeço aos meus pais Maria Jaci e Nivaldo, pelo amor, educação, apoio e compreensão nesse momento de intensos estudos, em sua maioria longe de casa. A minha mãe principalmente porque foi minha fiel companheira na saída de campo em coleta de entrevista em meio a sol escaldante e chuva intensa, mas não desistiu.

Agradeço imensamente a toda comunidade quilombola da Invernada dos Negros, por me apoiarem nesse projeto de pesquisa, pois saibam que se não fosse vocês essa pesquisa não seria possível, aos entrevistados e não entrevistados, mais velhos e jovens, saibam que em cada frase desse trabalho tem uma recordação do que vocês me disseram, admiração e respeito guardada com muito amor e carinho à vocês.

A orientadora prof. Natacha, pelo aprendizado e orientação e o respeito que teve por essa pesquisa.

A querida amiga, Raquel Mombelii, pelo imenso trabalho realizado na comunidade da Invernada, onde possibilitou a discussão e uma base de estudos essencial para essa pesquisa.

A prof. Beatriz Hanff, pelo imenso apoio me deu nos momentos bons e difíceis que passei durante a trajetória do curso.

Aos verdadeiros amigos. Enfim...

E a você!...

RESUMO

Este trabalho é fruto de pesquisa de campo realizada na comunidade quilombola da Invernada dos Negros, situada no interior de Campos Novos -SC, no qual foram colhidos e analisados relatos. Utilizamos como metodologia a história oral com relatos da memória sobre o trabalho e a escola do período da juventude de duas gerações da comunidade quilombola, a saber: dos herdeiros “mais velhos” dos anos 1960, bem como dos jovens de 15 a 29 anos na atualidade. A entrevista oral totalizou um número de 16 pessoas. O trabalho mostra a importância de valorizar a memória oral nos relatos coletados assim como a vida dessas pessoas negras que foram de opressão, racismo e subordinação pelo sistema capitalista na disputa pela terra e luta pela sobrevivência desde o processo de escolarização e trabalho. Ainda quando não tinham a titulação da terra, houve a exploração da situação de preconceito e precariedade vivida pelos negros, e o reflexo desse passado aparece atualmente na vida dos jovens quilombolas, na alienação no trabalho assalariado. A herança cultural como as brincadeiras, a família, a miséria, a escola e o trabalho foi explicitada nos relatos como uma das muitas memórias guardadas pelos herdeiros. Para as reflexões nos valem especialmente das contribuições de Bosi (1994; 2003), Mombelli, Bento (2006), Marx (2010), Mendel (1982), Severino (2007), Fiabani (2012), entre outros.

Palavras-chave: Memória Oral, Quilombolas, Escolarização, Trabalho.

Memórias I

*(...) Queria ver você negro
negro queria te ver
se Palmares ainda vivesse
em Palmares queria viver.*

O gosto da liberdade

Sentido

Cravado

No peito

Correr,

Sentir os campos

ter a vida.

(Atabaques)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Aspectos teóricos metodológicos	9
CAPÍTULO I- O TRABALHO NA MEMÓRIA DE DUAS GERAÇÕES QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE INVERNADA DOS NEGROS	27
1.1 Da agricultura de subsistência ao trabalho assalariado: “o sonho e melhoria das condições de vida”.....	27
1.2 Da alienação no trabalho na atualidade	38
1.3 As tarefas assumidas pelas crianças das duas gerações quilombolas.....	43
CAPÍTULO II – A ESCOLARIZAÇÃO NA MEMÓRIA DE DUAS GERAÇÕES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE INVERNADA DOS NEGROS	47
2.1 Sofrimento e dificuldades na escola: as trajetórias interrompidas....	47
2.2 Avanços e limites na escolarização.....	52
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

Início esse trabalho de pesquisa compartilhando com todos um breve resumo da minha pequena trajetória¹ de vida, até chegar à universidade, vivenciada por uma descendente de quilombo, marcada por incessante luta em meio à desigualdade social desse país, ainda mais quando se fala de descendência “negra”. Observo que é pertinente essa apresentação, pois as situações vividas se aproximam do caminho ainda enfrentado por muitos jovens da minha comunidade. Essa síntese possibilitará uma melhor compreensão do trabalho de pesquisa feito com duas gerações quilombolas os herdeiros mais velhos e jovens da atualidade, desenvolvido na comunidade Invernada dos Negros, que adiante será apresentada.

Sou descendente de escravos da quarta para quinta geração, negra e brasileira, tenho no sangue marcas desses milhões de negros trazidos da África nos porões dos navios negreiros², para trabalhar na

¹ Mills (1982 apud Janata, 2004, p.11) compartilha do ponto de vista ao afirmar “nos traz a possibilidade da *imaginação sociológica* nas pesquisas, entrecruzando a história de vida, pessoal, de quem investiga, com a história política e social dos fatos reais que permeiam a investigação”.

²A história dos navios negreiros é das mais comoventes. Homens, mulheres e crianças eram transportados amontoados em compartimentos minúsculos dos navios, escuros e sem nenhum cuidado com a higiene. Conviviam no mesmo local, a fome, a sede, as doenças, a sujeira, os agonizantes e os mortos. Em média transportava-se 400 negros em cada compartimento desses. Sem a menor preocupação com a condição dos negros, os responsáveis pelos navios negreiros amontoavam negros acorrentados como animais em seus porões que muitas vezes advinham de diferentes lugares do continente africano, causando o encontro de várias etnias e que por vezes eram também inimigas. Seus corpos eram marcados pelas correntes que os limitavam nos movimentos, as fezes e a urina eram feitas no mesmo local onde permaneciam. Os movimentos das caravelas faziam com que muitos passassem mal e vomitassem no mesmo local. Os alimentos simplesmente eram jogados nos compartimentos uma ou duas vezes por dia, cabendo aos próprios negros promover a divisa da alimentação. Como os integrantes do navio não tinham o hábito de entrar no porão, os mortos permaneciam ao lado dos vivos por muito tempo. Quando o navio encontrava alguma dificuldade durante seu trajeto, o comandante da embarcação ordenava que os negros moribundos ou mortos fossem lançados ao mar, como alternativa para reduzir o peso do navio. Nestes casos, o mar acabava se tornando a única saída dos negros para a luz, antes de chegarem aos destinatários do comércio de escravos. Fonte in: <http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/navios-negreiros/>, acessado no dia 09 de maio de 2014.

América Colonial Portuguesa, mais adiante denominada de Brasil, onde foram escravizados, explorados pela sua força de trabalho até a sua morte. Dessa parte muitos foram vendidos e precariamente transportados para diferentes regiões do Brasil.

Costa (1982, apud, Mombelli; Bento, 2006, p.41), relata em que primeiros negros no Planalto catarinense foram trazidos de outros estados³ brasileiros. Os negros estavam na condição de escravos no século XVIII, para trabalhar nas fazendas da região e atividades dos tropeiros⁴ e depois obtiveram a alforria e a concessão de terras através de testamento⁵ de 1877, nesse sentido estabeleceu-se as comunidades remanescentes de quilombos.

A expressão "comunidade remanescente de quilombos" passou a ser veiculada no Brasil

³Quando da chegada dos negros em Santa Catarina, os primeiros negros a chegarem na região do Planalto Serrano vieram na condição de escravos, trazidos pelo trapeiro Antônio Correia Pinto, quando, em 1766, a pedido do Morgado de Matheus, governador de São Paulo, chega para fundar o povoado de 'Lagens'. Com a bandeira de Correia Pinto, veio uma população heterogênea, composta por índios 'mansos e forros', mestiços, mamelucos e alguns escravos. Licurgo Costa, em *O Continente Das Lagens*^{'''}, afirma que parte dos escravos foi trazida de São Paulo, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; outros são provenientes do litoral de Santa Catarina, sobretudo das vilas de Tubarão, Laguna e Desterro, comprados por fazendeiros e tropeiros que por ali transitavam (Costa, 1982, p.180).

⁴A presença de Africanos e Afro-descendentes no planalto catarinense é constatada por diversos estudos, bem como por evidências históricas materiais e imateriais (Sant' Ana, 2003, p. 50). A historiografia relaciona a presença deste grupo étnico, sobretudo na condição de escravos, a atividade dos tropeiros. Segundo Silvio Coelho dos Santos.

⁵O testamento do fazendeiro Matheus José de Souza e Oliveira deixa a terça parte da sua Fazenda São João para os seus escravos. A área de terra doada é denominada de Invernada dos Negros e constituía-se por terras de campos, matas e áreas lavradias, com limites estabelecidos pelo documento como "dentro da Invernada e na linha que divide com meu irmão João Antunes **de Souza**"; A peça testamental condiciona a doação das terras ao uso indivisível e inalienável das mesmas. A cláusula testamentária foi acatada pelos escravos enquanto um princípio de organização dos escravos herdeiros e suas famílias na ocupação das terras herdadas; O testamento está transcrito no inventário de Matheus José de Souza, informa que os escravos Margarida, Damásia e Joaquim haviam sido libertos antes do falecimento de Matheus, permanecendo na condição de escravos Domingos, Salvador, Manoel, Francisco, Geremias, Pedro, Jozepha e Innocência, até a morte da esposa do doador Dona Pureza Emília da Silva. In: Mombelli; Bento (2006. p.41).

principalmente no final da década de 80, para se referir às áreas territoriais onde passaram a viver os africanos e seus descendentes no período de transição que culminou com a abolição do regime de trabalho escravo, em maio de 1888. Além de descrever um amplo processo de cidadania incompleto, veio também sistematizar um conjunto dos anseios por ações em políticas públicas visando reconhecer e garantir os direitos territoriais dos descendentes dos africanos capturados, aprisionados e escravizados pelo sistema colonial português. As terras dos quilombos foram consideradas parte do patrimônio cultural desses grupos negros e enquanto tais deveriam ser alvo de proteção por parte do Estado. (2006. p. 8)

A comunidade intitulada Invernada dos Negros, na qual desenvolvi a pesquisa tem laços fortes pertencentes dessa geração de negros trazidos da África, mesmo que não seja reconhecida pelo Estado Brasileiro⁶. A comunidade Invernada dos Negros⁷ Está situada aproximadamente 20 a quilômetros da sede do município de Campos Novos-SC. A comunidade fica localizada na região do meio oeste catarinense, planalto serrano. Parte do acesso se dá por estradas de chão batido e outra parte asfaltada. Lá vivem aproximadamente 80 famílias totalizando cerca de 350 pessoas, que residem em localidade pequena no entorno, denominadas de Corredeira, Manuel Cândido, Espigão Branco e Arroio Bonito.

⁶ Segundo consta, no relatório antropológico, por Mombelli; Bento (2006. P.41). A ocupação das terras da Invernada por uma população descendente de africanos não foi plenamente reconhecida pelo Estado Brasileiro e sociedade local, pois representavam um grupo social inadequado ao modelo proposto de colonização, promovendo e legitimando registros cujos limites se sobrepujam as da área herdada.

⁷ "Invernada": tempo de inverno; pastagens que se destinam à criação ou descanso de animais (Constatin; Herrera, 2010). Segundo informações obtidas por alguns descendentes a denominação "Invernada", se deu pela separação de terras entre brancos e negros, lugar onde ficaram conhecidos os campos e pinhais doados por um fazendeiro aos seus escravos, no ano de 1877, lugar distante onde viviam animais a solta sendo a morada dos negros, nesse sentido lá pertencia a "Invernada" dos "Negros".



O espaço geográfico conhecido como Corredeira é a localidade que aglutina o maior número de remanescentes de quilombolas e opera como núcleo comunitário (sede) da Invernada dos Negros.

Há décadas seus moradores sofrem com a ocupação de sua área por empresas de papel e celulose. Embora atualmente já tenha sido certificada, a comunidade atualmente está certificada, ainda está em processo de titulação definitiva de sua terra⁸ como afirmam Mombelli e Bento, (2006).

A madeireira era pertencente ao grupo Imaribo, e atualmente tem uma unidade no distrito de Ibicuí, IGUAÇÚ, Celulose, Papel.s/a⁹. Segundo Elizabet Azevedo (2003) o grupo Imaribo, teve uma longa jornada para se consolidar na empresa que é hoje, tudo começou com a família Pisani, que inicialmente tinha seus interesses voltados para o corte de araucárias na região de Rio Bonito. A chegada da Imaribo em Campos Novos se deu depois de uma série de negociações,

⁸ Para adentrar ao assunto saliento que esse trabalho de pesquisa não incluirá discussões acerca do processo da posse da terra na atual condição, apesar de todo o momento os entrevistados lembrarem em sua fala.

⁹ Localizada no distrito de Ibicuí, a 380 km de Florianópolis, a unidade conta com 460 funcionários e tem uma capacidade produtiva de 44.000 toneladas de papel/ano e 216 milhões de sacos multifoliados/ano. Na fábrica são produzidos papéis da linha Kraft natural e extensível, bem como sacos multifoliados valvulados colados.

In: http://www.iguacucelulose.com.br/uni_industriais/uni_cnovos.htm. Acessado em 28 fevereiro de 2014.

nos anos 70. Em 1972 constituiu-se uma empresa chamada Celupel S/A Celulose e Papel Rio Correntes, o grupo se expandiu em diversas regiões. Em 1974 a Imaribo conseguiu desmatar e extinguir a reserva de araucárias da Imafor. A reserva de araucárias de madeiras nativas esgotou-se no final dos anos 80. (No entanto já no final da década de 70 começaram os primeiros desbastes nas florestas de pinus plantadas no final da década de 60 e empresa começou as experiências na serragens de toras de pinus).

Segundo Azevedo (2003) em 1966, o governo federal, preocupado com a extinção das florestas nativas, criou um programa de incentivo ao reflorestamento, no qual às empresas poderiam deduzir de seu imposto de renda a pagar os valores investidos no monocultivo, até o máximo de 50%. Apesar de que o governo não estava preocupado com a extinção das florestas nativas. Mediante isso a Imaribo começou o reflorestamento em Monte Carlo, em áreas exploradas e destruídas da cobertura vegetal, mas para isso precisou definir uma semente de pinus melhor, o *Pinus Taeda*, utilizando-se da ciência para melhoramento das sementes (mudas). No final dos anos 80, o grupo Imaribo tinha mais de 32 mil hectares plantados, a maior parte de pinus. Observa-se que então em um período de tempo de menos 10 anos foram 32 mil hectares de mata nativa desmatada. Isso se repete com o caso da fábrica adquirida pela família (Probst), de Rio do Sul assumido de 1973 a 1974, que logo depois foi incorporada a Indústria e Comércio de Papelão Ibicuí Ltda, propriedade do deputado Augusto Brisola. Nesse período a empresa possuía uma enorme reserva de araucária que se afirma ser em terras próprias e futuramente poderiam ser reflorestadas. Mas ainda nesse período com a crise do petróleo, viu-se a fábrica de papel e papelão de Ibicuí tornar-se inviável pela baixa produtividade. Para continuar o negócio foi preciso projetar nova máquina de papelão duplex, o qual estava substituindo o papelão Paraná. Com novas máquinas puderam produzir papeis finos de embrulho utilizando aparas de papel como matéria-prima. Em 1978, as novas máquinas, elevaram a produção de doze para cinquenta toneladas/dia (Azevedo, 2003, p. 65). Vale destacar que esse foi um processo de âmbito nacional absolutamente de programas governamentais que adotam um modelo internacional de reflorestamento, tendo como base o plantio de eucaliptos e pinus.

Sendo assim, naquela época se instalaram na região, ainda como detentoras de posse daquela terra, utilizando-se de estratégia, tendo em vista que os herdeiros do quilombo não tinham o conhecimento de que aquelas terras já lhes pertenciam por direito de testamento de 1877, ou seja, os próprios herdeiros foram usados como

mão de obra escrava no corte no pinus em favor dessas madeiras, e em seguida vieram a ser expulsos de suas terras.

Nesse sentido observa-se que os jovens, filhos desses herdeiros¹⁰ sofreram com as consequências desse processo, muitos mais de 20 anos depois, quando a maioria sem perspectiva de trabalho e estudo na localidade, acabam seduzidos pela mesma madeira, assim como por outras indústrias da região que recrutam os jovens para o trabalho.

Na atual condição de trabalho dentro da comunidade há uma variação de ocupação por núcleo familiar dependente do tamanho da área do terreno, explicada por (Souza, 2013, p 10),

Cada unidade familiar organiza o trabalho agrícola a partir dos seus membros familiares, distribuindo as tarefas que cabem a cada um. Aqueles que têm um pouco mais de terra produzem milho e feijão que são estocados para o consumo próprio e o excedente é destinado a comercialização. Algumas famílias produzem somente em uma pequena horta para seu próprio consumo, onde plantam amendoim, pepino, batatinha, alface, couve, cenoura, e repolho e algumas ervas medicinais como camomila, quebra pedra, capim cidreira, losna, alecrim etc.

Nessa situação os sujeitos em sua maioria jovens do quilombo, não percebem a necessidade de ficar na terra que já é sua, e tampouco o reconhecimento da sua identidade significativa dentro do espaço do quilombo. O mesmo pode ter acontecido há anos atrás, quando essas famílias ainda viviam na Invernada dos Negros, não encontraram outra forma de renda para sustentar suas famílias e se viram obrigados a exercer um trabalho braçal, desgastante fisicamente e sem perspectivas de vida na comunidade, já que não há outra perspectiva de inserção no mercado de trabalho.

Desde o processo administrativo no INCRA aberto para regularização fundiária conforme prevê o Decreto 4887 de 2003. Na área remanescente de quilombo da Invernada dos Negros é necessário investigar algumas problemáticas existentes, sendo uma delas o resgate histórico sobre a cultura dos jovens dos anos 1960, a relação de trabalho e o processo de escolarização, que envolve a condição de vida que se tinha na época. Outro problema que se observa é que atualmente os

¹⁰A utilização do termo “herdeiros” faz referência ao mais velhos, que os descendentes são considerados nesta pesquisa, como os jovens filhos desses herdeiros.

“velhos¹¹” estão morrendo, sem que haja um registro da cultura adquirida dos antepassados e nesse sentido corre-se o risco da perda da memória histórica de reconhecimento da cultura de um povo quilombola dessa época, aspectos estes que demonstram a relevância da pesquisa.

Observo que a vida é rodeada de acontecimentos, constituindo-se de diferentes aspectos. Na comunidade Invernada dos Negros não é diferente. Existem momentos que essa comunidade nunca esquece, marcados pela disputa pela terra, conflitos com empresas madeireiras, muitas dificuldades enfrentadas, sendo uma delas a espera pela regularização de sua área. Porém a maioria dos fatos que são essenciais para explicar os porquês das situações vividas, não é registrada, ficando apenas no entorno da comunidade, que logo se dissipa. Nesse sentido, o trabalho e escolarização são fundamentais para entender a vida das pessoas descendentes que ainda residem lá, temas carentes de investigação. Além disso, a ideia foi enfatizar o campo, pois segundo Janata (2004 p.35), optamos neste campo de estudo por tornar claro que ainda hoje se faz presente no interior do meio acadêmico, certa negação das questões que envolvem o âmbito rural.

Segundo informações obtidas no período exploratório da pesquisa, com jovem¹² morador da Invernada, as próprias empresas, de celulose e madeireiras, que há muitos anos atrás tomaram posse da terra, hoje em dia estão atraindo esses remanescentes para trabalhar nas fábricas. Possivelmente esses jovens terão seus sonhos interrompidos, como foi o caso dos mais velhos, obviamente que em contextos iguais, mas em tempos diferentes. Nesse sentido, faz-se importante trazer à tona como na comunidade Invernada dos Negros, em situações vividas naquele período, desencadearam o processo que se encontra hoje, além da condição de trabalho da época e a escolarização. Isto também fortalecerá a compreensão de possíveis relações que podem se estabelecer na atual configuração do trabalho e escola dos jovens quilombolas. Nos últimos anos muitos quilombolas em idade avançada vieram a falecer devido ao desgaste físico pelo trabalho árduo desenvolvido durante sua trajetória levando consigo muitas histórias do

¹¹“Tronco Velhos” e mais antigos são termos utilizados pela comunidade para fazer referência as pessoas mais velhas.

¹² A informação desse jovem foi registrada durante a oficina realizada no INCRA, sobre ações afirmativas para comunidades quilombolas, realizadas no âmbito do projeto. Ações Afirmativas para promoção da igualdade étnico- racial no ensino superior edital PROEXT/MEC 2012, em Florianópolis, em novembro de 2013.

tempo em que estudavam e os herdeiros, que ainda vivem, têm pouca condição de cuidar da terra como antigamente.

Para Bosi (2003, p.117) questiona:

Como podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? Como nos salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde começam as nossas ideias sobre as coisas? Por que aceitamos? Como chegaram a nós?

A partir desses questionamentos podemos começar a compreender o caminho para o qual a pesquisa se desenrolou pensando a partir da comunidade envolvida. Muitas vezes nos acomodamos com as situações porque achamos que é assim mesmo ou que não teria sentido perder nosso tempo para entender as coisas, uma vez que já nos disseram como tudo começou. Então é mais fácil aceitar do que questionar!

Para poder abordar os jovens quilombolas da atualidade foi imprescindível fazer um recorte histórico, possibilitando assim uma análise reflexiva e de resgate cultural do processo histórico que envolveu a comunidade estudada, por isso optou-se por recorrer às pessoas mais velhas da comunidade, as quais viveram sua juventude nos anos 1960- 1980.

Dessa forma a pesquisa teve como questão central: Há relações entre aspectos do trabalho e da escola entre duas gerações quilombolas na comunidade Invernada dos Negros ?

Pelos depoimentos, cedidos em conversas informais antes da elaboração desse projeto de pesquisa, busco conferir se as relações de trabalho e escola da juventude da época tem relação com esses mesmos aspectos da juventude atual.

Continuando a trajetória de vida da minha família por volta de 1989, saíamos do interior de Campos Novos, na comunidade da Corredeira, onde perdemos nossa terra e não havia mais emprego em meio a tanta miséria. Meus pais migraram por vários municípios, até chegar e se instalar em 1992 em Monte Carlo. Dos 10 até 18 anos, fui fruto do “trabalho infantil”, mesmo sem saber o seu significado e que esse era o termo dado. Eu e minha família tivemos que trabalhar para fazendeiros da região na colheita do alho, feijão, cebola e maçã, trabalho realizado em meio ao frio/geada e ao sol escaldante, já com desgaste físico na função exercida, trabalhava por dia ou empreitada e em ambas

as funções ganhava muito pouco pelo trabalho realizado. Ainda sem nenhum conhecimento sobre a vida, observava o mundo apenas por um ângulo, vivia naquele mundo pequeno e pensava que a pobreza que nos rodeava, naquele momento, era “normal”.

À medida que fui crescendo, comecei a perceber que tinha algo de errado nesse país, mas não tinha argumentos suficientes para entender o mundo, pois a escola não possibilitou essa reflexão. Depois do ensino médio, comecei, sobretudo a perceber que para mim ficava difícil entrar no mercado de trabalho com carteira assinada, restava só o trabalho na roça, mais difícil ainda era o sonho de fazer uma faculdade na região. Por mais que existisse interesse de minha parte, o olhar que a sociedade tinha sobre nós eu e minha família era, assustador. Total insignificância e indiferença: os primeiros sinais de preconceito começaram a surgir muito antes, já dentro do espaço escolar.

Mesmo estando sob essa condição, ainda adolescente, sempre frequentei as reuniões na Comunidade Invernada dos Negros, com minha mãe, na localidade da Corredeira. Ainda não entendia muito bem o processo de reivindicação e posse da terra, mas sempre busquei apoiar a luta pela terra, apesar de me ver sem nenhuma perspectiva de futuro diante daquele contexto.

Enfim, com muito esforço, consegui entrar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com vestibular diferenciado, com muito orgulho na vaga de cotas para negros. Ao longo desses quatro anos, entendi que a minha comunidade tem muito valor, seja, pela sua cultura, saber popular, suas histórias, seu sofrimento e lutas.

Agora compreendo que a ideia de trabalhar com pesquisa surgiu antes de adentrar no curso, desde criança, ainda com muitas interrogações sobre investigação e sem maturidade para pesquisa.

Começava ali um ensaio que definiria o meu futuro. Sempre ficava “observando” os descendentes vizinhos, passeando em nossa casa, tomando chimarrão e contando histórias junto com meus pais. Surgiam histórias do tempo em que eles eram crianças até depois que se casavam. Eu tentava imaginar os fatos em minha memória e me questionava como eles conseguiam lembrar com uma riqueza de detalhes depois de tanto tempo, das dificuldades, escola, trabalho, brincadeiras, casamentos, ‘visagens’, roupas da época, calçados, vizinhos entre tantas coisas e “causos”. Ficavam horas conversando e eu confesso que às vezes achava engraçado principalmente pelo nome de tantos de falecidos que surgiam nos relatos reflexo da imensa saudade que os descendentes guardavam e ainda guardam daquele tempo.

Conforme fui avançando nos estudos sempre pensava em fazer uma pesquisa abordando nessas histórias que surgiam em rodas de conversa, já que ficava imaginando em preto e branco naquela época, e sempre questionando minha mãe de como era quando morava na Corredeira.

Saliento que o interesse por essas questões levantadas veio em busca da necessidade de compreender a a comunidade que vem sofrendo com tamanha opressão, oportunizando a ela uma melhor entendimento do contexto em que vivem, contada a partir do seu próprio relato, mas também pelo compromisso que tenho com toda comunidade da Invernada dos Negros. A história é importante não para ser guardada e sim porque pode nos dar um rumo para o futuro! O capitalismo nega a história e afirma só o presente, justamente porque ao roubar, passado, rouba-se com ele a perspectiva de um futuro novo, transformado”!

O interesse por essas lembranças levaram a busca da compreender a importância da história e da memória em uma pesquisa na comunidade quilombola, por isso me propus escrever esse trabalho de pesquisa que focou na “escola” e “trabalho” dos mais velhos e para tanto a curiosidade de saber, como os jovens quilombolas da atualidade estão enfrentado esses dois aspectos, considerando um mesmo contexto, porém em tempos diferentes.

Enfim, aponto, nessa pesquisa, parte de um resgate da memória dos “velhos”, pois os jovens muitas vezes não conseguiam perceber que essa história do passado, faz parte da sua própria existência e o processo em que ele está envolvido dentro da comunidade.

Nesse contexto, a pesquisa buscou tratar das relações entre escolarização e o trabalho dos jovens de duas gerações da Invernada dos Negros, que viveram entre os anos de 1960-1980 e os atuais.

Como objetivos específicos elencamos:

- Compreender como foi o processo histórico da implementação da indústria madeireira Iguazu Celulose na Invernada.
- Resgatar como era a vida dos jovens da década dos anos de 1960 a 1980, sobretudo nos aspectos do trabalho e escolarização.
- Identificar qual a condição de trabalho e escolarização dos jovens da Invernada na atualidade
- Estabelecer nexos entre escolarização e o trabalho dos jovens da Invernada da década de 60 a 80 e os da atualidade.

Aspectos Teóricos – Metodológicos

O envelhecimento da população tem sido ao longo dos anos uma temática deixada de lado, muitas vezes motivo de preconceito pela tal “terceira idade”¹³, em que o grupo pertencente parece já ter realizado muita coisa na sua vida e agora espera a morte. Porém mal sabemos que nessa idade são os protagonistas, testemunhas ou cúmplices, de uma história cheia de acontecimentos. São eles a prova viva de tristezas ou alegrias que fizeram parte das suas histórias de vida, que se conecta de uma forma geral a história viva social.

Atualmente a estimativa de vida dos idosos vem aumentando. Essa questão vem confirmar que os velhos estão vivendo mais e por isso fazem parte também da história do presente, não apenas ficando no passado. Para essa questão voltaremos no tempo. A velhice contempla uma pluralidade de experiências individuais ou coletivas. No caso da comunidade Invernada dos Negros, isso pode ser identificado, pois apesar de haver situações vividas individualmente, elas se entrelaçam coletivamente entre os “velhos”, (que aqui serão cuidadosamente chamados de “mais velhos”), os quais estão envoltos em um mesmo tempo no passado, momento em que trocaram as mesmas experiências. Sobre isto, Bosi (2003, p.29), afirma,

Da experiência dos velhos emerge a essência de nossa cultura, por serem, certa medida, guardiões do passado, representam o elo entre esse e o presente. Pelo estudo da lembrança de idosos, nos é dada a possibilidade de conhecer, fatos ocorridos, bem como costumes, enfim uma pluralidade de quadros sociais e culturais determinados. A memória dos velhos desdobra e alarga tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere, (BOSI, 2003, p.199).

Nesse sentido, não se trata de simplesmente coletar dados, ou relembrar histórias. É muito mais que só registrar, é resgatar a essência

¹³ Atualmente o termo que se refere aos nomes que usamos para nos referir às pessoas com mais de 60 anos de idade. Entre tais nomes, o mais utilizado é o termo “terceira idade”, que começou a ser usado na França, na década de 60 (le troisième âge), para se referir a pessoas acima de 45 anos que atingiam essa faixa da vida em boas condições de saúde, como forma de incentivá-las a se manter ativas. Observo que tem pessoas que não gostam de ser chamadas pertencentes do grupo da terceira idade. In: <http://www.idhid.org.br/index.php?menu=item&id=33>, acessado dia 23 de maio de 2014.

cultural que o tempo, o sistema capitalista fez questão de mascarar. Para isso é preciso comparar os fatos, questionar, discutir, apresentar o passado através da história para que possamos entender como estamos vivendo agora, diante de relações capitalistas de produção que buscam camuflar o passado ou reinventar a situação sem haver transparência, sem questionar os autores.

Como educadores precisamos dar a importância ao inserir a história no contexto escolar visando o cotidiano, como nascimento, infância, adolescência, vida escolar, vida adulta com trabalho e a velhice, como partes fundamentais da história individual. Para Pinto (2010, p.21),

A história que estudamos na escola não aborda o passado recente e pode parecer aos olhos do aluno uma sucessão unilinear de lutas de classe ou de tomadas de poder por diferentes forças. Ela afasta, como se fossem menor importância, os aspectos quotidianos, os microcomportamentos, que são fundamentais para psicologia social. Como resultado das transformações historiográficas, a memória tem sido entendida como um elo, uma ponte interrelacional com a história. Este intercâmbio propicia, em contrapartida a instrumentalização do discurso historiográfico tornado menos mecanicista, priorizando a subjetividade, emergindo o narrativo, o humano.

Dentro desse contexto da história existe a historiografia, que ajuda a compreender o fato do protagonista naturalmente com subjetividade humanizada, pode-se entender como contar os fatos de forma mais natural possível, deixando o sujeito entrevistado a vontade para narrar sua história de vida. Nesse sentido ele mesmo busca automaticamente em seu cognitivo recuperar os fatos que há muito tempo estava guardado, quase esquecido. Esse fato faz com que o sujeito veja quão importante e decisivo foram os acontecimentos para justificar o curso de vida até o presente.

O ato narrativo humano, descrito por Bosi (2003) ajuda na compreensão de que a vida é composta por diversas histórias e elas se entrelaçam de tal forma que teria a possibilidade de escrever diversos livros sobre uma única pessoa, sobre os mais diversos temas. Quando se olha para trás depois de certa idade e se começa a lembrar do que foi seu passado é como se tudo fosse uma grande conquista, pois naquele momento ele superou suas dificuldades e hoje nada mais restaram do

que lembranças. Nesse trabalho pretendemos mostrar que essas lembranças não ficaram apenas só no passado, mas sim que elas fazem parte e sentido do hoje.

A memória consegue ir muito além do que imaginamos, tem a possibilidade de ter grande autonomia ao escolher os acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas por que se relacionam através de índices comuns, como nos traz Bosi (2003). Nesse contexto, buscamos apresentar os vínculos coletivos entre fenômenos distanciados no tempo, considerando o período de 1960 e a atualidade.

Na Invernada, comunidade investigada, esses fenômenos da memória coletiva entre os protagonistas são bem expressivos, os sujeitos mais velhos pesquisados, tem idades entre 60 a 81 anos, moradores desde nascença do local, atualmente aposentados, que levam ainda uma vida de simplicidade, seguem seus costumes herdados por pais e avós, carregam no seu semblante o orgulho de ter vencido as dificuldades. Nas falas dos descendentes a todo o momento resgataram fatos do passado dos mais diversos temas como: trabalho, infância, juventude, festas, mortes, visagens, casamentos, brincadeiras, etc. Cada memória resgatada apresentava uma vasta riqueza de informações, para as mais diversas pesquisas, porém o que deve-se levar em consideração é o porque e pra que serviria tal pesquisa? Quais as consequências de um trabalho científico com esse propósito para membros da comunidade? Por isso precisamos tomar cuidado ao inserir uma pesquisa de campo quando o objeto se trata da história de vida dos sujeitos.

Observamos que a pesquisa de campo não é fácil, existem empecilhos por mais que já tenhamos conhecimento prévio do local, ainda mais quando estamos entrevistando sujeitos que têm suas vidas rodeadas por conflitos e ameaças. Entretanto o resultado é gratificante, logicamente que para isso o pesquisador precisa se doar ao máximo e mais do que isso, ter mais ouvidos do que voz, já que tratam-se de relatos em que os autores vão narrando sua vida a partir de uma história vivida e assim não deve existir interferências ou induções. Como afirma Bosi (2003, p.18).

A Universidade também tem o poder de contar e interpretar os eventos que se passam no mundo operário ou nos meios populares, em geral. Há, portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquela classe. (Bosi, 2003, p.18).

Utilizou-se da metodologia história oral como pesquisa de campo com diálogos, observação, questionários e entrevistas. O início ocorreu no mês de fevereiro de 2014, na comunidade Invernada dos Negros, após já terem sido construídos os roteiros de entrevistas (semiestruturados), tanto para os mais velhos como para os jovens com questões sobre escolaridade e trabalho. Nas idas a campo, que aconteceram em vários dias alternados, foram visitados os sujeitos moradores das comunidades, Águas da Corredeira e Manoel Cândido Farias, conhecida localmente como “os (Cândio)”. Utilizamos de gravador e caderno de anotações que seguiam juntamente com as visitas na comunidade as quais variavam uma distância de 5 km uma da outra. O deslocamento para as entrevistas foi um dos aspectos que mais dificultou a realização da pesquisa, pelo fato de ter sido feito todo a pé. Nas visitas domiciliares utiliza-se de dois métodos de resgate de informação, um feito por meio de escutas de rodas de conversa, além de questões direcionadas aos sujeitos com entrevistas. Na aplicação das questões direcionadas ao tema foi necessário tomar o devido cuidado pra manter o eixo da investigação, pois alguns relatos se deram sobre fatos marcantes, vividos na comunidade, mas não correlatos ao tema.

No trabalho desenvolvido na comunidade, utilizou-se de algumas técnicas metodológicas, sem esse entendimento prévio não seria possível desenvolver um trabalho com bons resultados e para isso Severino (1941), define o que são essas técnicas:

As técnicas são procedimentos operacionais que servem de mediação prática para realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com paradigmas epistemológicos adotados. Severino (1941, p.124).

Nesse sentido foi necessário trabalhar com a pesquisa de campo, elemento que consideramos muito importante, pois aproxima o pesquisador dos sujeitos da pesquisa. Essa interação permite estabelecer laços entre os sujeitos a fim de ajudar ainda mais no desenrolar da pesquisa. Todavia é preciso ter muito cuidado para não induzir as respostas, deixar as coisas acontecerem naturalmente, como citado anteriormente. Para tanto Severino, (1941, p.123), afirma que :

Na pesquisa de campo, o objeto /fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A

coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (Surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Dentro de todas as técnicas de pesquisas, destaca-se a entrevista como ferramenta que dá suporte para o trabalho a ser desenvolvido em um determinado lugar, e feito com algumas pessoas. Muitos pesquisadores utilizam-se dela, e para o trabalho desenvolvido na Invernada também se fez necessário, já que desde o início do curso Licenciatura em Educação do Campo, aprendemos a desenvolver a entrevista no campo, nos municípios onde se faziam vivências e estágios. Para compreensão científica de entrevista Severino (1941, p, 124) descreve,

Entrevista: técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizado nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem, argumentam.

Observo que a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos das ciências humanas. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico. Durante a pesquisa, a “observação de campo” esteve presente a todo o momento formal e informal, elemento que contribuiu para conhecer ainda mais a vida daquela comunidade, onde situações antes não observadas agora pareciam fenômenos explícitos diante dos diálogos e da vivência na Invernada dos Negros.

Para esse trabalho optou-se por estudar a memórias dos velhos, moradores da Comunidade Invernada dos Negros, com idade entre 60 e 80 anos, colhendo lembranças, histórias contadas a partir das suas vivências, pontuando a vida escolar da época em conjunto com o trabalho exercido. A pesquisa ainda tomou um segundo eixo, buscando relatos dos jovens moradores da comunidade com idades entre 15 e 29

anos, sobre a condição atual da sua vida escolar e sua função exercida no trabalho atual.

Dentro das diversas técnicas de pesquisa eis que está a história de vida, tão importante igual a outros métodos utilizados por pesquisadores, pois se trata de trabalhar com memória e nessa pesquisa mais do que contar histórias de vida tivemos como objetivo de analisá-las, buscando os nexos dos questionamentos. Para Severino (1941. p.125), história de vida: coleta as informações da vida pessoal de um ou vários informantes. Pode assumir formas variadas: autobiografia, memorial, crônicas, em que se possam expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos.

Para esse trabalho de pesquisa o critério utilizado para as entrevistas foram os quilombolas de duas gerações da comunidade Invernada dos Negros a partir da delimitação do período considerando os “mais velhos” e os jovens, atuais. As entrevistas foram feitas com cerca de sete jovens da comunidade Invernada dos Negros, (sendo um não quilombola), Entre eles estavam jovens do sexo masculino e feminino de 14 e 30 anos. Com os descendentes mais velhos, foram entrevistados nove pessoas, (um não quilombola), com idades entre 60 a 81 anos. Para essa pesquisa totalizou-se um número de 16 pessoas com autorização cedida. Outros¹⁴ quilombolas em idades diferentes também contribuíram com informações para pesquisa, mesmo não registrado na sua totalidade aqui por não serem entrevistados.

O método de escolha dessas pessoas seguiu uma ordem aleatória, na medida em que me aproximava das casas da comunidade a pé, (tendo em vista que as casas são distantes uma das outras em média 5 km), ia conversando com os herdeiros. Salienta-se que algumas pessoas mais velhas e outros jovens, eu nunca tinha tido um contato próximo, e por isso a pesquisa ajudou a estabelecer laços- afetivos na produção do cohecimento.

Nesse sentido Nascimento e Muller (2011.p.5), apoiadas na ideia de Queiroz, argumentam:

A transmissão do conhecimento, da experiência de vida por meio da oralidade surgiu antes de a escrita ser inventada. Nesse sentido, o relato, atualmente denominado de história oral, “se

¹⁴Observo que durante o período de entrevistas na comunidade outros descendentes também contribuíram com a pesquisa, por meio de observações em conversas informais coletadas no momento, mas devido a idade delimitada pelo projeto de pesquisa não atingiu a idade escolhida para registro aqui.

constituiu a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, (QUEIROZ, 1991, p. 2). Essa autora ainda afirma que o relato oral serve de registro da memória de um indivíduo ou comunidade. Para ela, a narrativa oral uma vez transcrita, se transforma num documento oficial.

Optou-se pela a escolha da história oral, principalmente quando aplicada nos sujeitos com idades avançadas da pesquisa, por considerar um instrumento que possibilita resultados objetivos, mais concretos, não só pelos depoimentos coletados, mais sim pelo simples fato de exercitar a escuta das histórias dos antepassados da comunidade, pela firmeza na fala ao recordar, pelo exercício que a memória faz na hora de relembrar. Ainda mais quando se está em uma roda de conversa, os sujeitos parecem tão à vontade que fazem questão de narrar à história do outro, fato que é muito comum na comunidade pesquisada, onde os passeios de casa em casa ocorrem para contar histórias já vivenciadas. Observo que muitas vezes as conversas rodeadas por chimarrão, são intermináveis, muitos riem das situações engraçadas que viveram no passado, outros se lamentam pela miséria dita por eles vivida em um tempo parecido com escravidão e o sofrimento nos olhos de cada um confirma, mas agora se dizem amenizados diante de tudo o que já passaram e que para eles só resta a história para contar. Mesmo nos sabendo que não é só o fato de contar histórias ma sim da transmissão de conhecimento, saberes, valores, morais. Momento especial de trocas e de socialização assim reforça os laços de amizade.

Diante dos relatos podemos comparar as diferenças de uma pesquisa compreendida por Bosi, (2003, p.16), “o movimento de recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”.

Muito mais que uma simples pesquisa acadêmica, a história oral possibilita enraizar com mais firmeza o que os sujeitos narram diante de um contexto vivido, além disso, a aproximação com a sua própria cultura e resgate da sua identidade.

Ao mesmo tempo em que a memória individual ou coletiva ajuda a lembrar dos fatos, existem também desafios a serem superados na pesquisa com história oral, já que cabe interpretar a lembrança quanto ao esquecimento, situação essa que Bosi (2003) cita em sua obra narrativa, esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são

exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas.

A pesquisa teve por objetivo deixar registrado à história vivida as relações que se estabeleceram durante a vida, a fim de mostrar para os jovens descendentes o conhecimento histórico de seus pais e por fim as correlações de forças existentes que influenciam a vida do jovem quilombola na atualidade. Para compreensão dessa pesquisa a autora Pinto (2010.p.33), apoiada na ideia de Tompson (1992), observa:

As pessoas idosas podem ser especialmente beneficiadas com a história oral, porque elas frequentemente são indivíduos “ignorados e fragilizados Economicamente (e através da história oral), podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem”.

Outro motivo pela qual a pesquisa em história oral se diferencia das outras é por que permite uma comunicação original nas falas sem perdas de palavras. Quanto a reflexão sobre o tema, Bosi (2003, p.19), afirma que a interação não esgota o alcance da comunicação, caso contrário nós comunicaríamos apenas com os contemporâneos o que seria uma grave perda. Tal imaginação da autora cabe a nos uma reflexão mais profunda, então como seria se vivêssemos em um mundo sem histórias do passado? Por isso e outros motivos presentes ao longo da monografia é que se deveu o envolvimento na pesquisa na comunidade, a fim de não deixar sua história apenas para trás, mas sim pelo compromisso com a comunidade e pelo respeito aos nossos ancestrais escravos, trazendo à tona o que viveram e não deixando jogado “debaixo do tapete” já que muitos faleceram sem ter-lhes reconhecido o direito às suas t erras .

Com essas técnicas de pesquisas, como a memória oral, foi possível iniciar o trabalho na comunidade da Invernada, lugar, onde unem-se, o saber popular e o cruzamento com o conhecimento científico. Observo que de fato ambos andam juntas já que no caso dos descendentes, foram analisados os fatos que eles consideram comuns, mas que no trabalho da pesquisa buscaremos o trato de cunho científico dos relatos.

Acerca da reflexão teórica da realidade, buscamos identificar na prática da investigação o que apresenta-se implícito nas relações de trabalho e escolaridade dos “mais velhos” e jovens da atualidade. Dessa forma, no capítulo I tratamos especificamente dos relatos de duas

gerações da comunidade quilombola Invernada dos Negros. Já no capítulo II tratamos das questões de escolarização dessa mesma comunidade. Apresentamos, por fim, as análises do material coletado buscando estabelecer relações entre esses dois tempos históricos em um mesmo contexto.

CAPÍTULO I - O TRABALHO NA MEMÓRIA DE DUAS GERAÇÕES QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE INVERNADA DOS NEGROS

*O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons.
Martin Luther King*

Nesse primeiro capítulo, inicia-se um ensaio de análises sintetizadas a partir dos relatos coletados, sobre o tema e problemática da pesquisa em questão, reportando para a história do surgimento do quilombo e sua organização de vida no trabalho para a subsistência e o sonho de vida melhor dos sujeitos que ali residem.

1.1 Da agricultura de subsistência ao trabalho assalariado: “o sonho e melhoria das condições de vida”

A vida na comunidade da Invernada muito antes de 1960 não foi fácil, fato encontrado nos relatos e análise das entrevistas orais cedidas pelos herdeiros, marcado pelo contexto de sofrimento e luta pela sobrevivência vivida na época, marcas deixadas por nossos antepassados escravos que viviam cativos em senzalas, trabalhando para seus coronéis e quando não estavam mais suportando tamanho sofrimento fugiram e se aglomeraram em chamados quilombos. Segundo Fiabani (2012, p. 309):

Durante a escravidão, os cativos fugiam para o mato e o sertão para formarem, sobretudo pequenas, médias e grandes comunidades agrícolas clandestinas de subsistência –quilombos, mocambos, palmares etc. Muitas vezes essas comunidades possuíam dezenas e até mesmo o que excepcional, podiam ultrapassar um milhar de membros no caso dos Palmares¹⁵.

Quando os quilombos começaram a receber grande volume de escravos havia a necessidade de se organizar para ter o trabalho e sobrevivência garantida. Em algumas regiões o trabalho era dividido e a vida nas chamadas, “comunidades quilombolas” passavam por momentos difíceis, pois tinham a missão de se organiza com a pouca

¹⁵Temos clareza de que essa é uma definição que limita a explicação sobre a conceituação de quilombo, entretanto considerando o tempo para a pesquisa, optamos por utilizá-la nesse momento.

terra existente para poder plantar e sobreviver, já que a maior parte dos quilombos brasileiros teve a agricultura como base econômica. Outro exemplo de formação de quilombos encontramos em Silva (2008) apoiado nas ideias de Munanga (1996, p 60) que descreve:

Os negros, ante a situação da escravidão, organizam-se para fugir das senzalas e das plantações, criaram os quilombos limitando o modelo Bantu Africano dos séculos XVI e XVII, transformaram esses territórios em uma sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando, assim um modelo de democracia pluriracial que no Brasil está ainda a buscar. O antropólogo Kabengele Munanga faz correlações entre quilombo africano e o brasileiro. (...) pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia africana, reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos.

Quando se aborda por de tipos de trabalho, estudo realizado por (FIABANI, apud FREITAS, (2012, p.310): indica que os quilombos brasileiros dividiam-se em quilombos agrícolas, mineradores, extrativistas, mercantis, pastoris, predatórios e quilombos de serviço.

Ao adentrar na comunidade Invernada dos Negros logo se percebe a quão importante é para os herdeiros o trabalho desenvolvido na agricultura atualmente, mesmo que para eles o ocorrido em sua juventude nos anos 1960, carregue lembranças de tenha sofrimento, miséria, vividos naquela época, como relata seu Valdevino¹⁶ e Nico¹⁷

(...) é isso aí, uma miséria gente do céu... (silêncio) ...é tinha que come dali, abobrinha, covinha e o que prantava ali batatinha e era “degavar” e hoje em dia o terreno é o mesmo e dá o que “prantamo”. (Valdevino, 70 anos).

(...) trabalhavam em lavourinha e sobrevivia dali, meu pai pelo menos criava gado, criava ovelha, criava animal, vivia disso ai ...porco...fazia uma lavourinha, colhia feijão, colhia mio, trigo.(Nico, 75anos).

¹⁶ Entrevista concedida em 28/01/2014.

¹⁷ Entrevista concedida em 08/03/2014.

Os herdeiros, remanescentes de quilombo ¹⁸ lembram-se desse período como luta pela sobrevivência, já que nesse momento não tinha outro emprego no local, a comunidade ficava quase que isolada do centro urbano do município de Campos Novos. Trabalhavam na sua própria terra, plantando para subsistência da família. O trabalho era árduo, pesado, mas não tinha outra opção, o processo da colheita era feito pela força braçal, com instrumentos de trabalho rudimentares, existentes na época. A rotina era sempre a mesma, existiam as estações de plantar, colher e em alguns casos estocar, o produzido o resto do trabalho era destinado a cuidar dos pequenos animais, como vaca, porco, galinha etc. Apesar de toda dificuldade enfrentada relataram que estavam em cima da terra que era deles, por isso criavam os animais com liberdade, todos soltos no terreiro, diferente de agora, onde o pouco de terra que se tem ainda é toda cercada para delimitar as áreas que pertencem a firma – Iguaçu.

Vejamos que Marx (apud Mendel 1982, p.16) já traz elementos que explicam como emergiram as condições da vida humana na terra, sendo a pobreza acompanhada desde as comunidades primitivas.

Durante a maior parte da sua existência pré-histórica, o homem viveu em condições de extrema pobreza. Os homens só podiam encontrar a alimentação necessária à subsistência pela caça, pesca e a colheita de frutos. (...) as comunidades primitivas estão organizadas de forma a garantir a sobrevivência coletiva nestas condições de existência extremamente difíceis. Cada um participa obrigatoriamente no trabalho; o seu trabalho é necessário para manter a vida na comunidade.

Observei durante a pesquisa na Invernada que o trabalho na “roça”, ainda está muito presente seja na produção de milho, feijão, mandioca, hortaliças, etc. Mesmo que a maioria dos descendentes relate algum tipo de sofrimento vivido há 60 anos na agricultura de subsistência, atualmente ainda é visível à maioria dos descendentes

¹⁸ Decreto Presidencial, n. 4.887, de 20 de novembro de 2003, (...) de acordo com o artigo 2 do referido decreto : Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos (...) grupos étnico-raciais, segundo critérios de autocontribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com resistência a opressão histórica sofrida.

exercendo alguma atividade na lavoura, fato que reforça a ideia que eles não esqueceram o sentido de plantar, lidar intimamente com a terra, cultura ainda presente.

Nesse contexto observa-se que a miséria relatada por eles era em função da falta de trabalho no local, porém em uma análise mais profunda podemos dizer que essa situação tem sua origem no capitalismo, definido na “Introdução... (1990, p.3)”.

O capitalismo já demonstrou o que reserva aos trabalhadores e a maioria do povo brasileiro. A cada dia que passa a miséria é ainda maior. Dois de cada três brasileiros comem menos que 2.240 calorias por dia, ou seja, passam fome. 35% das famílias tem uma renda menor que 1/2 salário mínimo por pessoa, 64 % dos assalariados ganham menos do que dois salários mínimos. Quarenta milhões de brasileiros vivem na mais absoluta miséria.

Diante de tal dificuldade vivida nos anos de 1960, a comunidade se organizava em forma de “puxirão¹⁹”, para ajudar outras famílias na lavoura. A prática do “puxirão” encontra-se ligada ao uso tradicional de ocupação das terras vinculada a uma economia de subsistência. Na comunidade as famílias eram chamadas para fazer um “*puxirão*” como dizem os descendentes, que acontecia geralmente em alguma casa onde a família iria iniciar o plantio ou a colheita, os trabalhadores convidados ganhavam alimentação pela ajuda ali mesmo. Essa era uma forma em que a comunidade encontrava para sobreviver da terra e não desfazer os laços de amizade e solidariedade entre os parentescos.

Atualmente o que se observa é que esse sistema de solidariedade entre as famílias do quilombo estão escassas. Mas um dos fatores que explica o desaparecimento foi a venda da terra. Segundo consta em informações de uma das descendentes, em 1971, houve a entrada do pinus, momento em que muitas famílias perderam parte ou todo de suas terras, vendidas a troco de mercadorias para donos de empresas madeireiras que chegaram no local, conforme relata dona Maria Jaci²⁰, (66 anos),

¹⁹ Segundo a definição de Abramovay (1981, p. 30), cuja palavra com letra “i”, o puxirão é a troca de trabalho entre as pessoas, embora apareça como uma ajuda, como prestação de serviço ou prestação comunitária.

²⁰ Entrevista concedida em, 28/01/2014.

-Compravam terra, mandavam os outros compra terra ai 2 alqueire dai eles não mediam os “gramessor” deles que mediam mas, aqui quem vendia nem sabia!

-A troca de pinheiro e a troca de comida, lata de banha ...ah garafa de cachaça os “burro”, eles iludiam ...iludiam, toda vida iludiam e se facilitar tão iludindo ainda.(...) -Dai fumo saindo né, pois não tinha emprego mais, os filho foram crescendo, tivemos que vaza daqui do lugar véio nosso ... e sendoque era tudo nosso mais ...?(silêncio).

Os herdeiros narram como foi o processo de compra e venda da terra, momento difícil lembrado por eles. Muitos chegavam a se culpar por *não ter a tomada de consciência* que agora se potencializa com o processo de reconhecimento legal das terras com base no decreto. Ao entregar as terras, porém vejamos que de fato eles não tinham a culpa, já que desde sempre foram oprimidos pelo sistema capitalista, mas naquele momento muitos fizeram a venda da terra em troca²¹ da sobrevivência. A comunidade configurava-se como de semiautônomos²² e dependentes de troca explicados por Fiabani (2012 p, 311),

Acredita-se que todos os mocambos tiveram alguma relação com o mundo externo. As trocas podiam ser de produtos quilombolas por bebida, ferramentas, armas, munições. (...) Os quilombos pequeno-mercantis, ou dependentes das trocas se articulavam com sociedade escravista, dependendo das trocas para sobreviverem.

²¹ O valor de troca é definido por Marx, como o início, na relação quantitativa entre valores de uso- de-espécies diferentes, na proporção em que se trocam relação que muda constantemente no tempo e no espaço. Por isso, o valor -de- troca parece algo casual e puramente relativo, e, portanto, uma contradição em termos, um valor - de-troca inerente, imanente à mercadoria. Qualquer mercadoria se troca por outras, nas mais diversas proporções, por exemplo, uma quarta de trigo por x de graxa, ou por y de seda ou z de ouro etc. Ao invés de um só, trigo tem, portanto muitos valores - de-troca.

²² Segundo essa visão, os quilombos podiam ser divididos em quilombos semiautônomos e dependentes de trocas. Os quilombos semiautônomos eram aqueles que tinham a agricultura como base principal de sua economia , o que não impedia que praticassem trocas com a sociedade extraquilombola. Acreditamos que todos mocambos podiam ser dos produtos quilombolas por bebidas, ferramentas, armas, munições etc.

No caso da Invernada aconteciam trocas de terras para os funcionários responsáveis, enviados pela madeireira, que iniciava sua instalação na região. Os descendentes trocavam por alimentos que em sua maioria não eram produzidos ali no seu terreno, mas também trocavam por alimentos entre os próprios descendentes, devido a dificuldade em obter-se determinados produtos, e o deslocamento até o armazém era difícil, por isso as famílias tinham o hábito de economizar o alimento. Tudo era contado para durar muito tempo e quando iam comprar faziam o chamado de “rancho mês”.

Observa-se que a sociedade capitalista gira em torno do valor de troca, entre mercadorias sustentam o capital, ou seja, nessa sociedade baseada no capital, atualmente as coisas acontecem tudo ao mesmo tempo, por isso as relações existentes de interesse e troca, estão relações culturais em detrimento das ambientais e humanizadoras não levando em consideração as populações específicas. O capital utiliza-se da exploração dos trabalhadores com sua força de trabalho dominando completamente a sua vida na sociedade.

Alguns herdeiros culpam-se por não ter conhecimento ao entregar as terras para os ditos mais “inteligentes”. Naquela época o estado não oferecia escola na comunidade que os possibilitasse chegar até universidade, a maioria parava de estudar na quinta série, ficando desmotivados, dedicavam-se somente ao trabalho. Nesse sentido, a escola que se tinha naquele momento não passava da 1ª a quinta série, buscava somente alfabetizar os alunos e eles tinham o seu próprio conhecimento cotidiano sobre a vida, repassado dos antepassados como, por exemplo, saber trabalhar com a terra. Para o entendimento dessa questão Fernandes e Molina, (2002, p.60) afirmam:

(...) O território é um trunfo dos povos do campo e da floresta. Trabalhar na terra, tirar da terra a sua existência, exige conhecimentos que são construídos nas experiências cotidianas e na escola. Ter o seu território implica em um modo de pensar a realidade. Para garantir a identidade territorial, autonomia e organização política, é preciso pensar a realidade desde seu território, de sua comunidade.

Os herdeiros não tinham todo conhecimento escolar necessário na época, e mesmo se tivessem talvez não teria nenhuma diferença uma vez que o sistema capitalista já tinha dominado a área, pouco poderia ser feito. Mas eles guardaram muito bem a sua identidade, o conhecimento de trabalhar com a terra, isso não pôde ser lhes tirado. Lutaram pela

retomada de suas terras para que não lhes seja mais roubada. Isso fortalece no pensamento de Fernandes e Molina, (2002), quando afirmam que “(...), Os povos do campo e da floresta têm como base de sua existência o território, onde produzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência na terra”.

Nos relatos, os herdeiros contam com total indignação nas rodas de conversa de quando restava pouca terra e vendo a situação precária da época dividiam-se no trabalho na roça e na empresa madeireira, um tempo no qual as ferramentas de trabalho eram reduzidas o jeito encontrado era no serviço braçal, relatado pelo seu Valdivino (70 anos) e seu Nivaldo (73 anos).

(...) Dai eles trabalhavam um pouco na lavoura e pra firma de empreitada cortavam lenha, cortavam pinheiro, “os pinheiro que era nosso mesmo”...(risos). Derrubava nosso próprio pinheiro para pode sobrevive ainda fazia lenha pra vende pra firma, tudo empiado. A firma levava de graça só pagava o dia nosso.

As dificuldades enfrentadas aquela época refletem a condição de subordinação, momento esse em que eles nada podiam fazer para se defender, desprovidos da terra tinham como única fonte de trabalho o corte da madeira na própria comunidade. Desde então eles vem acompanhando parcialmente o desenvolvimento da indústria diante do trabalho que exerciam, mas não compreendiam ainda as relações de expropriação e exploração. Surgiam as novas ferramentas de trabalho, que são lembradas com certo medo pelos herdeiros, ou seja, dentro desse sistema a indústria vem crescendo e substituindo a mão-de-obra, pela maquinização, e cada vez mais os trabalhadores vão sendo dispensados. É possível compreender a situação pelo relato de seu Nivaldo (73 anos),

Nos cortava o pinho com a serra americana, cortava em dois e a outra é o “maio” que é de bater na “cunha”.

Foi em 74 acho...chegou aquele motor mil e cinquenta agora não existe mais.

-Isso em lembro o pia dda cumadre Bertolina tinha medo do ronco, nós também tinha medo do ronco do motor ...nois escuitava o ronco mais não sabia o que era. Mais nois tinha que aprende a trabaia com o motor na marra.

As ferramentas de trabalho evoluirão. No início a serra americana era manuseada por dois trabalhadores, já o motor serra veio anos depois, precisava apenas de uma pessoa manusear. Na indústria madeireira a evolução das máquinas dos anos 70 para cá, tem impactado a vida do trabalhador, que junto com esse desenvolvimento se vê obrigado a se especializar naquele devido instrumento. Ainda que não apareça nos relatos anteriores atualmente na comunidade da Invernada essas empresas madeireiras já quase nem usam mais o motor serra. Com o processo a evolução das máquinas, surgiram outras controladas por computadores capazes de fazer todo trabalho desde corte de madeira até empilhamento, não mais de forma manual, como interpreta e define Max (2010)²³,

Toda maquinaria desenvolvida consiste em três partes essencialmente distintas: o motor, a transmissão e a máquina-ferramenta ou máquina de trabalho. (...)examinemos de perto a máquina ferramenta. Os aparelhos e instrumentos com que trabalhavam o artesão e o trabalhador manufatureiro nela reaparecem, de modo geral, embora muitas vezes sob forma muito modificada, não são mais instrumentos do homem, e sim ferramentas de um mecanismo, instrumentos mecânicos. Às vezes, a máquina é por inteiro é uma edição mecânica mais ou menos modificada do antigo instrumento profissional.

No relato de seu Valdivino²⁴ (71 anos), fica claro as transformações ocorridas no trabalho. Para seu Valdivino se existisse naquele tempo os tipos de trabalho da atualidade não existiria tanta pobreza²⁵. Porém, vejamos, apesar dele pensar assim sabemos que a pobreza ainda não acabou, atualmente na comunidade com esses tipos de trabalho. Essa condição em que se configura atualmente no quilombo, infelizmente não trata de garantir uma renda fixa para a estabilização de uma boa estrutura de vida.

²³ Texto publicado originalmente em 1867.

²⁴ Herdeiro, legatário de Damásia Domingues de Sousa.

²⁵ Cabe ressaltar que “o termo “pobreza” e “ miséria” é são ditos pelos herdeiros, apesar que naquele tempo havia uma vasta área verde com pinhão e os porcos eram gordos de tanto comer e podiam fazer sua roçada livremente . Com a monocultura de pinus tudo se transformou não garantindo o sistema de subsistência.

(...) pegam passam ai pra pega, agora tá passando a cebola tá a maçã, cebola, alho, mas no nosso tempo não existia nada disso se tivesse nos tava rico dai nos não passava fome, só tinha a firma ali mas pagava uma micharia, dai tinha ropinha ia lá corta lenha virava numa fiapeira.

Era difícil para os herdeiros dimensionar o tamanho do domínio do sistema capitalista de produção em cima do que era por direito deles, momento em que muitos entregaram tudo o que tinham adquirido até ali, inclusive sua força de trabalho. Nada era mais deles. As madeireiras faziam propostas tentadoras para os moradores dali, em um tempo no qual as dificuldades relatadas por eles rodeava aquele espaço. Muitos tiveram que abrir mão para poder sobreviver. Alguns herdeiros relembram que a ‘Firma’²⁶, oferecia até mesmo moradia para quem fosse trabalhar para eles. Sendo assim, como afirmam Mombelli e Bento (2006), a produção da monocultura de pinus e eucalipto na região da Invernada dos Negros não trouxe apenas espécies vegetais exóticas ao meio ambiente, mas também novos modos de produção. Tamanha devastação acabou por desestimular os descendentes. Nesse sentido, cabe lembrar o que se afirma no início deste estudo na “Introdução... (1990, p.9)” que no capitalismo o trabalhador serve apenas para enriquecer o outro, os donos de meios de produção então vejamos a quem pertence os meios de produção.

No Brasil e em todos os países capitalistas, as fábricas, as terras e tudo o que estas produzem quase toda a riqueza material, o que chamamos a Infraestrutural-salvo nós mesmos, os trabalhadores, e as empresas estatais ou recursos naturais que ainda não roubaram-tudo, todo o resto, pertence a donos particulares, proprietários privados individuais. (...), e nós trabalhadores, que não somos proprietários, para sobreviver estamos obrigados a trabalhar para capitalistas, que tem em suas mãos as fontes de trabalho.

Uma das problemáticas que envolvem os jovens do meio rural são os intensos deslocamentos do campo para a cidade em busca de melhorias nas suas condições de vida. É importante ressaltar que esse

²⁶ A “firma” é a forma local de fazer referência à empresa Papel e Celulose Iguazu S.A.

fenômeno está presente na Invernada, pois esse elemento é o que norteia o trabalho atual dos jovens, uma vez que eles saem do campo para trabalhar em empresas na região, com o sonho de conseguir uma vida melhor. Na maioria das vezes, não dando certo, acabam voltando para a casa dos pais, muitos já casados e continuam a exercer o serviço assalariado para poder sobreviver no campo. Para Morissawua, Janata conforme indicado por Janata (2001,p.213),

Isto significa dizer que, a juventude do campo que hoje deixa seus lares a fim de “correr atrás” de uma vida “mais digna”, demonstra a perpetuação de desigualdades que têm uma longa data. Percebemos que a situação para os filhos e filhas de pequenos agricultores se agrava ainda mais, já que a evasão do campo acontece tendo em vista que “o motivo é sobretudo a sobrevivência. O lote de seus pais já não poderá prover-lhes o sustento quando casem e constituam família” (Morissawua, 2001, p. 213).

No entanto muitas vezes não é preciso sair do campo para poder trabalhar, fato identificado encontrado nas informações coletadas entre os jovens quilombolas dessas regiões que englobam os municípios de Monte Carlo, Campos Novos e Videira. Essa é a migração que encontramos na juventude que ainda vive por lá onde os laços familiares falam mais forte. Como relatam Mombelli e Bento (2006, p. 28),

Pode-se indicar que isso ocorre por que no processo de migração a população não perde seus laços de reciprocidade e de ajuda mútua. São frequentes as visitas de filhos casados a seus pais, ou dos pais aos seus filhos na cidade, mantendo se um intercâmbio constante entre os parentes. A saída de um jovem da localidade nem sempre tem caráter definitivo. Na impossibilidade de garantir seu sustento ou da família, ou ainda por questões de doença, o retorno não é todo descartado. É comum deixar parte da infra-estrutura na Comunidade, como casa e a roça, sob os cuidados da família, até que a nova situação se estabilize.(p.28)

Quando os jovens não têm mais a perspectiva de inserção no âmbito escolar, muitos abandonam seus estudos para se inserir no

mercado de trabalho em busca de ter a liberdade financeira estabelecida, garantido que tenha seu salário no fim do mês, como afirma, (Almeida; Magalhães, p.222, 2011),

(...) O quilombola vem se tornando assalariado nas fazendas, sede dos municípios e no agronegócio – que aos poucos foi cercando suas terras e cada vez mais transformando as relações do trabalho no campo.

A prática de trabalhar para indústrias / frigoríficos está se tornando comum principalmente na agroindústria da Perdigoão instalada em Campos Novos- SC, desde 2011. A realidade que se vê no campo da Invernada é a existência de poucos jovens residentes, os que tinham saíram para trabalhar fora, seja em agroindústrias ou lavouras. Algumas jovens que permanecem no interior tendem a ajudar a mãe na casa e na lavoura, depois de algum tempo namoram, engravidam; casam e continuam morando no interior ou então decidem partir para a cidade, quando aparece ofertas como trabalhadores assalariados. Como reforçam Mombelii, Bento (2006), os principais destinos de migração dos jovens da comunidade ficavam por conta de três municípios da região. Os jovens deslocaram-se para Fraiburgo, Monte Carlo e Campos Novos, onde trabalham na plantação de pinus e eucaliptos em fazendas e na empresa de Papel e Celulose Iguaçú. (2006), conforme relatado pelo jovem César (30 anos),

Trabalho aqui mesmo no corte de pinus, trabalhava por dia, era um trabalho que eu gostava. Mas agora eu trabalho em Abdão é corte de eucalipto também, só que é outra firma, agora tocamos empreitada ganhamos tudo alimentação. Nós saímos na segunda e voltamos só na sexta ficamos a semana inteira lá, ficamos na casa dos paião , lá tem equipamento e nós fazemos várias função, tem calça caneleira, sapatão , capacete, eu só motorneiro, por enquanto vou ficar no pinho não tem outro serviço.

Nesse sentido é visível à instabilidade econômica desses jovens que vivem em função desse constante movimento. Ficam na incerteza de sair ou ficar, mas ainda a necessidade de sobrevivência faz com esses jovens abracem esse tipo de trabalho. Apesar dessa subordinação atual, os jovens dos anos 60 relataram que às condições de trabalho na madeireira era precário e agora houve um grande avanço na melhora dos

seus funcionários. Apesar disso os jovens não conseguem se questionar, sobre o momento em essas empresas não necessitem mais dessa força de trabalho. Isso poderá ocasionar uma maior saída de jovens quilombolas para a cidade, sobre isso Carneiro reflete (1998, p.14),

(...) constata que a migração dos jovens para a cidade, temporária ou definitiva, expõe a juventude ao contato com um sistema variado de valores que podem ser absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar laços identitários com a cultura original, quanto no sentido de negá-los. Sugere que dessa relação ambígua com dois mundos resulta a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser investigadas.

Observa-se que os destinos de trabalho dos jovens varia da oferta de um lugar para outro, o município de Monte Carlo, teve pouca procura ficando mais voltado para poucos trabalhos informais sazonais como, alho e feijão, em temporada. Já Fraiburgo oferecia fortemente trabalho na colheita da maçã e atualmente o município de Campos Novos, sobretudo pela presença da agroindústria de alimentos frios como suínos (Perdigão em conjunto com a BRF Brasil Foods).

Com a projeção de oferta de emprego para toda região, a chegada dessa indústria em Campos Novos trouxe esperança aos muitos trabalhadores jovens que viam ali uma oportunidade de emprego assalariado em uma condição de trabalho “menos pesado” e menos sujo do que a céu aberto (na madeireira), onde estavam acostumados a trabalhar. Segundo informações dadas durante o tempo de observação a campo, em estágios no período do curso, no município de Monte Carlo. A notícia da existência dessa agroindústria logo se espalhou pelos municípios dos próximos. Muitos trabalhadores, em sua maioria jovens, abandonaram seus antigos empregos para trabalhar na BRF, fato que se constata atualmente com mais frequência pelo fato da empresa destinar ônibus para ir buscar trabalhadores, na região, em municípios vizinhos, a fim de deslocarem até a fábrica, reflexo desse processo que também acontece na Invernada atualmente.

Nesse sentido observa-se a atração dos jovens pelo tipo de emprego visto que ali é o ponto de encontro dos jovens, onde se conhecem conversam e namoram, já que os turnos de trabalho, mais o horário de transporte até em casa é um período demorado de horas aproximadamente nesse sentido os jovens aproveitam o ambiente para se socializar. Segundo informações de jovens quilombolas moradores de

Monte Carlo,²⁷ conseguir entrar na empresa se torna muito importante, significa ter alcançado “Status”. Observa-se que os jovens se importam mais com a forma com que a sociedade os julgará, por isso às vezes é preferível apresentar-se como “trabalhador dessa FIRM²⁸”.

Entretanto apesar da maioria pensar nessa posição ainda assim existem contradições nas falas, quando muitos afirmam que inicialmente começaram a trabalhar lá, mas não se acostumaram, segundo eles pela rigidez da empresa, salário muito baixo, o perigo de acidentes e a distância do trabalho até em casa, para quem precisa de transporte.

Na comunidade o que se observa dos jovens com relação ao trabalho é simplesmente a luta pela sobrevivência. Sem opções de lazer²⁹, muitos procuram outros meio de socialização no campo, situação que se agrava quando trata-se do alcoolismo³⁰ no campo. Os jovens vivem sem acesso a educação adequada, fato esse que se comprovam pelas pesquisas feitas na comunidade, esses jovens que ficam indecisos entre sair da comunidade e ficar, um mundo transitório que só é encerrado quando chegam na terceira idade, caso dos mais velhos quando não se tem mais forças para se deslocar.

Com relação aos jovens do sexo masculino o deslocamento do campo fica mais visível do que ocorre com as jovens. Eles saem, deixam a família em busca de emprego em cidades vizinhas Bertolina³¹ (81 anos), em seu depoimento.

(...) olha hoje sobre o alimento cem por cento mais fácil, mas sobre a vivência dos jovens nada feito, os jovens de hoje tão muito diferente,

²⁷ Informações obtidas dos jovens de Monte Carlo em conversa informal em janeiro de 2013.

²⁸ A empresa madeireira manteve ao longo de sua história relações de trabalho com seus membros da comunidade da Invernada que lembram o sistema escravocrata. Tanto é que em 2007 foi denunciada ao ministério público pelo trabalho escravo em péssimas condições de trabalho. Muitos dizem ser escravos da firma.

²⁹ O lazer para jovens da Invernada só é encontrado quando têm campeonatos de futebol, porém atualmente na maioria das vezes, (caso dos jovens), é encontrado no bar na sede da comunidade.

³⁰ Um dos problemas observado na Invernada, mesmo não sendo foco da pesquisa, mas que levou a reflexão, foi o fato que traz à tona a realidade de muitos campos brasileiros, trata-se do alcoolismo no campo, condição enfrentada não só pelos jovens, mas também por boa parte idosos que vivem lá na atualidade.

³¹ Entrevista cedida em 28/01/2014.

naquele tempo ninguém ia em bodega quem não tava ajudando o pai saia pra fazer uma "viajinha" pô pai, aqui, ali ou se não tava em casa brincando aqueles rapazião veio ...(...) hoje a gente vê os jovem por ai e tão direto lá na cumadre (Bar) Nair, hoje tá muito diferente iii...

1.2 Da alienação no trabalho na atualidade

Diante das reflexões feitas a partir dos tipos de ocupações dos jovens da Invernada na atualidade observa-se que estão inseridos em uma condição de trabalho assalariado e alienado, uma vez que os sujeitos não percebem como o indústria madeireira e agroindústria de frios, manipula-os com o tipo de trabalho oferecido, na exploração de mão de obra que deixa-os na condição de subordinação diante da atual condição de vida. Infelizmente essa posição fica invisível aos sujeitos, quando a necessidade de sobrevivência e a de estabelecer relações com o outro, falam mais alto. Obviamente que os sujeitos não são culpados por tal situação, uma vez que o sistema se apoderou completamente do trabalhador a fim de manipulá-lo, mantendo-o unicamente a serviço do capital. Para isso, (Silvânia; Magalhães, p, 222. 2011), afirmam,

Uma característica do trabalho, no entanto, repete-se em todos os quilombos, assim como em toda sociedade baseada no modo de produção capitalista: ele não é entendido como essência humana, não é aquele que Marx define como ação e (práxis) transformadora da natureza e de si mesmo na constituição do gênero humano (Marx 2002, 211). Cada vez menos nos quilombos, o trabalho representa a essência humana, aquilo que torna o ser sujeito, humano. Ao contrário, o trabalho torna-se cada vez mais alienado, representando apenas a venda da força de trabalho pelo homem.

E é nesse momento que o jovem atraído, não tendo outra opção, acaba aderindo à função de trabalho imposta pela empresa madeireira vindo como natural e única possibilidade. Nesse sentido, apoiada na (introdução..., 1990, p.6) cabe a seguinte reflexão; “(...) a nossa miséria só seguirá crescendo a cada governo e cada novo plano que os patrões tentam nos impor, se depender deles”.

Segundo entrevista com o jovem Vanderlei,³² (25 anos), que trabalha na madeireira ele considera um trabalho bom já que foi difícil para entrar.

Trabalho na Iguaçu, ali é mais papel trabalho de auxiliar o transporte passa pega ai, lá é bão e não é né, não tenho nenhuma dificuldade por enquanto. O resto da vida não pretendo fica lá. Pra entra lá não foi muito fácil né por que eles pedem bastante estudo ali tem que ter a 8ª série pra cima se não, não pegam e ganha mais o menos faz 6 anos que eu to lá eu prefiro trabalha lá por os outros são pior, também tem os pinho

Compreendendo a situação vivida pelos jovens da atualidade, porém a firma exige estudos para trabalhar lá, no entanto nunca fizeram nada para formação escolar da comunidade. Recordo do trabalho exercido não só na infância, mas nas empresas que trabalhei na juventude, quando o “patrão” muitas vezes dispensava os mais velhos por não ter mais condições físicas de produzir. Ficavam apenas com os jovens que estavam

condições perfeitas para atender as exigências de produção da empresa . Mas o salário para os trabalhadores não mudava, além de um desgaste físico ficava na situação de impotência diante da tal situação. Nesse sentido, Marx traz suas contribuições, (2010³³ p, 269 -270.)

O valor da força de trabalho como o de qualquer outra mercadoria, se determina pelo tempo de trabalho necessário para produza-lá. Se à produção dos meios de subsistência do trabalhador, diários e médios, custa 6 horas, tem ele de trabalhar, em média 6 horas por dia para produzir quotidianamente, sua foça de trabalho reproduzir o valor recebido por sua venda. (...) Além de encontrar esse limite puramente físico, o prolongamento de jornada de trabalho esbarra em fronteiras morais.

Naquele momento ainda não tinha compreensão do processo que sustenta o modo de produção capitalista, com exploração de trabalho. Segundo “Introdução ao marxismo” (1990, p. 11).

³² Entrevista cedida em março de 2014.

³³ Texto publicado originalmente em 1867.

Porque onde há classes há interesses opostos entre as pessoas das diferentes classes. O objetivo do capitalismo na produção é ganhar mais. Por isso, quanto mais menos nos paga em salários e mais nos explora, melhor para ele. O objetivo do operário é defender suas condições de vida e de trabalho. Para isso necessita ganhar mais e, pelo menos, diminuir a exploração. São, assim, os interesses opostos e irreconciliáveis. Em geral o que é bom para o capitalista é mau para o operário e vice-versa.

No entanto, essa reflexão é apenas o começo do problema que os jovens da Invernada enfrentam de forma oculta. Quando é colocado no mercado de trabalho ele serve apenas para exercer funções manuais e não intelectuais, desvalorizando os jovens da comunidade trabalhadora como fizeram com os mais velhos, da década de 60.

Na maioria das vezes o jovem permanece no emprego, unicamente para suprir suas necessidades, para eles é mais fácil aceitar a função do que questioná-la, a ponto de compreender o processo do trabalho. No entendimento de Cabral, bebendo nas fontes de Marx³⁴, (2010) a alienação do trabalho é entendida como:

A alienação do trabalhador relativamente ao produto da sua atividade surge, ao mesmo tempo, vista do lado da atividade do trabalhador, como alienação da atividade produtiva. Esta deixa de ser uma manifestação essencial do homem, para ser um “trabalho forçado”, não voluntário, mas determinado pela necessidade externa. Por isso, o trabalho deixa de ser a “satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer necessidades externas a ele”.

No caso da Invernada as empresas vêm até os jovens ofertando trabalho. Estes saem para os municípios vizinhos trabalhar e voltam no final da tarde para casa. Dentro do frigorífico, como o da empresa Perdigão, por exemplo, na empresa madeireira, os trabalhadores chamados de “funcionário³⁵s recrutados”, para uma função de trabalho, sem escolaridade suficiente ficam na sala de corte de aves e suínos, e na

³⁴ In: <http://www.brasile scola.com/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>, acessado em 21 de maio de 2014.

³⁵ Denominação utilizada pelas duas empresas, Iguaçu e (BEF) Perdigão.

madeira na serraria e empilhamento, etc. Geralmente quem permanece nessas empresas ficam vários anos exercendo a mesma função com movimentos repetitivos e em local totalmente fechado seguindo as normas que reflete o capitalismo, como podemos ver em Marx (2010, p. 270³⁶),

(...) Surge, então em lugar de máquina isolada, um mostro mecânico que enche edifícios inteiros e cuja força demoníaca se disfarça nos movimentos ritmados quase solenes de seus membros gigantescos e irrompe no tubilhão febril de seus inumeráveis órgãos de trabalho.

Mesmo assim os jovens não tendo outra opção tentem a trabalhar nessas empresas, principalmente nos frigoríficos, fato relatado por jovens que iriam³⁷ trabalhar na (BRF)- Perdigão³⁸.

*Eu estaria lá no frigorífico, fiz uma ficha uma vez mas não pude ir por que tava grávida dela. Na BRF (...) ahã... taria lá essas horas, mas daí não deu muito certo.(...) era bom por que daí era o único serviço que pegava né, de dezoito anos pra cima. (Regiane 23 Anos).
Agora eu tô fichada na cebola... é classificação de cebola da Malma de São Paulo vem ônibus pega aqui. Aqui pra mulher é bem difícil o emprego que na verdade tem que sair daqui né pra ir pra outros lugar trabalha do Ibicuí tem outros transporte pra leva pra outros emprego, que nem frigorífico Perdigão, já fiz até ficha pra entra mas*

³⁶ Texto publicado originalmente em 1867.

³⁷ A jovem entrevistada ainda não estava trabalhando para a empresa, mas já relatava conhecimento prévio do local, informação repassada por pessoas que já trabalharam lá.

³⁸ A Brasil Foods (BRF) foi criada a partir da associação entre Perdigão e Sadia. A empresa nasceu como um dos maiores players globais do setor alimentício, reforçando a posição do país como potência no agronegócio. Atuam nos segmentos de carnes (aves, suínos e bovinos), alimentos processados de carnes, lácteos, margarinas, massas, pizzas e vegetais congelados, com marcas consagradas como Sadia, Perdigão, Batavo, Elegê, Qualy, entre outras. Projetada para atender aos principais mercados mundiais, a unidade da BRF em Campos Novos, inaugurada em 2011, tem capacidade de produção de 151 mil toneladas de carne (suína) por ano. In: <http://www.brf-br.com/paginas.cfm?sub=27>, acessado no dia 21, de maio de 2014.

daí daqui não dá uma turma pra leva, tem só na Iguaçu. (Maristela 28 anos).

Como observado nos relatos acima, as mulheres descendentes do quilombo preferem exercer o trabalho no frigorífico, por aparentemente não visualizarem sofrimento constante em relação a outros serviços. Lá se diferencia por trabalhar em local limpo e fechado, apesar de boa parte desses jovens já terem passado por outras experiências de trabalho no campo. A divisão do trabalho dentro dessas empresas fica por grupos³⁹ de pessoas em diferentes setores de processamento, nesse sentido o trabalhador de um determinado setor conhece apenas uma parte do processo em que a matéria prima passa, ou seja, nesse sistema fabril, quanto mais produção mais lucro a empresa passa a ganhar mais alimentando o sistema capitalista, e o trabalhador ganhando seu salário. Para o entendimento desse processo destaco a afirmação de Marx, (2010⁴⁰, p. 399),

O trabalhador coletivo, com suas muitas mãos armadas com ferramentas, a um só tempo, estende o arame, estica-o, corta-o, aguça-o, etc. De sucessivas no tempo, as diversas operações parciais se transformam em justapostas no espaço. Daí o fornecimento de maior quantidade de mercadorias acabadas no mesmo espaço de tempo

Nesse sentido ficam claras as relações de trabalho dos jovens, mesmo fazendo múltiplas funções. Negativamente essa situação de trabalho assalariado vem por desestimular os jovens na sua vida escolar e social, ainda fica oculto na compreensão. Embora tenha esse tipo de serviço a jovem afirma que é difícil o trabalho para as mulheres no quilombo, diferente dos homens, pois para eles há mais opção de emprego, como relata Vanderlei,⁴¹(25 anos).

(...) Trabalho na Iguaçu, ali é mais papel trabalho de auxiliar, o transporte passa pega ai. Lá é bão e

³⁹Na cooperação simples e mesmo na cooperação fundada na divisão do trabalho, a supressão do trabalhador individualmente pelo trabalhador coletivizado parece ainda ser algo mais ou menos contingente. A maquinaria, com exceções a mencionar mais tarde, só funciona por meio de trabalho diretamente coletivizado ou comum. O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se numa necessidade técnica imposta pela natureza do próprio instrumental de trabalho (MARX, 2010, p.442).

⁴⁰ Texto publicado originalmente em 1867.

⁴¹ Entrevista concedida em março de 2014.

não é né, não tenho nenhuma dificuldade por enquanto.

Mesmo observando os problemas decorrentes desse tipo de trabalho os jovens preferem não cita-los, tendo em vista que é um dos poucos empregos oferecidos e se o perderem não terão outro para sustentar suas famílias, além disso, não conseguem compreender as condições trabalho em que lhes são impostas, que infelizmente repete a história que mais velhos que passaram por esse processo de subordinação e alienação.

Os jovens relataram de forma positiva que têm esse tipo de emprego na região demonstrando o quão é para eles, ainda está longe compreender as reais condições de trabalho a que estão submetidos.

1.4 As tarefas assumidas pelas crianças de duas gerações quilombolas

1.5

Nesse contexto de resgate da memória dos velhos, é importante ressaltar como as tarefas executadas pelas crianças no período de 1960, momento em que os herdeiros contam com inocência o trabalho infantil realizado na roça, como dona Angelina (67 anos), quando relata que desde os 4 anos de idade trabalhava na roça com seus pais, na plantação de milho, feijão, verduras etc. E também o seu Nico que se lembra do trabalho na roça a partir dos 14 anos-

há... comecei com sete anos.... ai fiquei até treze ano ou catorze ano e dai tinha que trabalha e não fui mais e nem tinha estudo ou professora que ensinasse mas que a quinta série.

Para tanto compreende-se que o desenvolvimento do processo de trabalho infantil faz parte de alguns elementos sociais, Feitosa e Dimenstai, (2004, p. 62), principalmente as dificuldades em muitas famílias enfrentam.

Quando se investiga na literatura do campo as determinações para a ocorrência do trabalho infantil, a pobreza, geralmente, se apresenta como a principal causa do fenômeno. Campos (2001), na sua tese intitulada “Pobreza e Trabalho Infantil sob o Capitalismo”, conduz sua explicação para o mecanismo intrínseco ao capitalismo, o qual gera pobreza e cria as condições para a reprodução do fenômeno da inserção precoce de crianças no

trabalho. Portanto, para o autor, a mão-de-obra infantil é um fenômeno decorrente da pobreza, tendo como seu gerador o modo de produção capitalista.

Até os jovens que passaram por esse processo na infância não vão considerar como sendo trabalho infantil, já que serve apenas para ajudar a família, que sem a condição de contratar mão-de-obra externa acabam colocando os filhos para ajudar. É imprescindível destacar esse tipo de atividade na Invernada, pois faz parte do modo de vida dos jovens da comunidade, que desde criança ajudam os pais em pequenas atividades exercidas no plantio ou colheitas na roça/lavoura, trato de animais ou tarefas domésticas. Para tanto, vale lembrar que todo trabalho em excesso, pesado, sem a o acesso a escolarização e sem idade definida pelo Estatuto da criança e do Adolescente, (ECA), Sob a (Lei nº. 8.069/90), trata-se de trabalho infantil e cabe punições aos responsáveis.

Desta forma, objetiva-se esclarecer que o menor, perante o Estatuto da Criança e do Adolescente aplicado no Brasil atualmente, tem proteção legal, sendo permitido seu trabalho apenas a partir dos quatorze anos, na condição de aprendiz. A respeito da matéria em estudo, demonstrar-se-á quais os direitos, deveres e aspectos fundamentais que o Estatuto da Criança e do Adolescente impõe ao menor aprendiz. Objetiva-se também demonstrar que o Estatuto da Criança e do Adolescente é claro ao permitir o trabalho ao maior de dezesseis anos, mas que essa permissão ainda encontra restrições, diferenças essas que serão especificadas. Investiga-se aqui ainda, se o menor está matriculado e freqüentando regularmente a escola, pode ter um contrato de estágio e quais as regras fundamentais para que este contrato possa ser formulado. Ainda assim, estuda o tema, tendo como base, um breve histórico dos direitos trabalhistas do menor e juntamente e a definição do que no Estatuto deve ser entendido como criança.

Mesmo que seja invisível na fala para alguns descendentes como dona Maria Virgínia, (65 anos) naquela época não se tratava de

opção, escolha das crianças, mas sim de obrigação imposta pelos pais para poder sobreviver com a família:

(...), eu estudei até a terceira série. Saí porque não quis mais estudar e tinha que trabalhar na lavoura daí não estudei mais, naquela época não era exigente que nem hoje.

Vale destacar que o trabalho das crianças também era entendido pelos mais velhos como uma forma de aprendizagem não somente da atividade em si, com também de valores. A divisão entre criança e o mundo adulto é algo da nossa sociedade e que em muitas sociedades africanas não é tão rígido essa divisão. No passado, as crianças ou ser criança não impedia de contribuir como o universo familiar fazia parte da formação e do caráter das crianças e não significava trabalho escravo.

Por outro lado, pode-se afirmar que apesar de trabalharem desde cedo, a brincadeira também fazia parte dessa infância. Segundo dona Angelina ⁴²(67 anos), sua infância foi muito difícil, porém divertida, gostava de brincar de boneca de pano que pedia para as vizinhas fazerem com retalhos de pano e os meninos de bicicleta de madeira, geralmente brincavam nos chamados “campos aberto”, lugar onde ninguém plantava nada, além disso, eles só podiam brincar depois que fizessem o trabalho doméstico e as tarefas escolares. A lembrança é algo magnífico, principalmente dos referenciais dos mais velhos da comunidade, que recordam de fatos históricos com muita clareza relembro nos relatos sobre a sua infância naquele período como dona Bertolina.

(...) nos fim de semana, sábado e domingo nós ia brincar, então se tivesse alguém que ensinasse a gente ao menos de noite eu tinha aprendido mas oia não tinha do que nós não brincasse, nós enjoava de um brinquedo pulava no outro, corria correira a pé pra correr era eu mesmo os outros nenhum podia me ganhar, joga peteca o dia inteiro era de desgruda o braço, nos jogava o dia inteiro e não deixava cair a peteca a mãe tinha paciência de fazer o almoço e almoçava depois ia de novo as tia da Irma do falecido Rogério nos fim de semana clareava o dia elas tavam ali, Irda, Zirna, Norma, Leoldilma, vinham pra ali

⁴² Entrevista cedida em fevereiro de 2014.

bricavam o dia inteirinho aquela peteca desfiava tudo no ar mas não caia.

Dona Bertolina⁴³ (81 anos) ressaltou que nos dias de hoje é difícil encontrar jovens que brinquem com esses instrumentos. Ela recordou com uma riqueza de detalhes o passo a passo das melhores brincadeiras existentes naquele tempo com suas melhores amigas. De certa forma dona Bertolina, tentou encontrar explicações para suas indagações sobre por que as crianças de atualmente não brincam com essas bonecas, que para ela são consideradas “mais bonitas”, ou seja, os tempos mudaram e com ele a essência das emoções carinhosas por objetos simples de infância também, o que para muitos é relembado com muito sentimento, nos tempos atuais passa a ser insignificante deixado de lado,

(...) eu tava dizendo agora esses dias digo credo naquele tempo a gente brincava com boneca não tinha essas boneca bonita que tem agora ... () Agora tem umas boneca bonita as meninas não brincam meu Deus do céu! mas nós tanto brincava como fazia sacanagem (risos) a cumade Lucia uma vez montou num cavalo de diante pra trás e dirigiu o cavalo pela cola.

Ao analisar as falas dos herdeiros podemos compreender que apesar de terem passado por um processo difícil desde a infância até a formação adulta no trabalho, ainda existem muitas lembranças positivas vivenciadas por todos os entrevistados, ou seja, nem mesmo as mudanças impostas pelo sistema apagou a essência da cultura existente na comunidade, fato que se comprova pelos relatos empolgados nas rodas de conversa.

⁴³ Entrevista cedida em 28/01/2014.

CAPÍTULO II - A ESCOLARIZAÇÃO NA MEMÓRIA DE DUAS GERAÇÕES QUILOMBOLAS NA COMUNIDADE DA INVERNDA DOS NEGROS

“A historia aqui tecida, como uma renda, é feita de fios,, nós, laçadas, mas também de lacunas de lacunas, de buracos, que no entanto, fazem parte do próprio desenho são partes da própria trama”.

Michel Foucault

Na tentativa de estabelecer relações entre os sujeitos de ambos os tempos, nesse segundo capítulo encontra-se um dos elementos que contribui para a falta de perspectiva de estudo naquele tempo, visto também nos jovens entrevistados da atualidade mas com aspectos diferentes, trata-se das diversas dificuldades encontradas pelos herdeiros com relação ao acesso de escolarização na comunidade.

2.1 Sofrimento e dificuldades na escola, as trajetórias interrompidas

Em 1960, os herdeiros relataram dificuldade com que enfrentavam para ir a escola, fato que a maioria lembra com tristeza em um período em que se viam abandonados pelo governo sem nenhum apoio na comunidade, lembrado pela Nair⁴⁴, (70 anos), uma das professoras da comunidade, ainda adolescente com 14 anos, quando começou a lecionar na escola atual Emanuel Cândido, com séries multisseriadas.

Que dificuldade! Eu ajudada a professora que vinha de Campos Novos e ela passava os deveres até 11 e meia e de tarde era eu, daí era o 1º o 2º o 3º e o 4º ano tudo junto. Daí ela deixava o 1º e o 2º ano e para mim passar deveres e ela passava pro terceiro e quarto . Eu não tinha prática eu tinha que aprende e vê né.

O que se pode observar é que naquele tempo existia dificuldade em contratar professores e até mesmo a construção de uma nova estrutura de escola, visto que a escolinha da época era feita de madeira e os alunos estudavam todos juntos na mesma sala. Os herdeiros relatam que eram todos parentes e que um sabia da dificuldade do outro, num tempo em que a escola não oferecia merenda escolar. Segundo ela não existia conteúdo por áreas, apenas trabalhavam com apostilas uma de

⁴⁴Entrevista concedida em 28/01/2014.

cada matéria, que configurava em multisseriada, Como afirma, Silvânia; Magalhaes, (2011, p. 228),

As primeiras gerações de quilombos tiveram acesso a uma educação escolar com o professor alfabetizador, ao qual fazem referencia quando contam que seus pais pagavam a um professor para ensinar as primeiras letras. Já a escola multisseriada, que em geral se situava na casa de um dos moradores das regiões próximas que minimamente sabia ler e escrever, tem sido o modelo do tipo de educação escolar que mais aparece nas narrativas das gerações subsequentes.

A Prof.^a Nair, ainda recordou que era difícil para ela trabalhar em uma sala de aula, às vezes com 63 alunos sendo que ela ainda não tinha nenhuma formação na área, aprendeu observando outros professores que por ali passaram. Esse era o formato de escola, baseada na educação rural daquela época, os que sabiam mais que os outros, mesmo sendo sem completarem 18 anos podiam dar aulas, as quais limitavam-se ao conhecimento do professor, nesse sentido Caldart (2002, p. 62) considera que a educação rural pouco ou quase nada ajudou no processo de formação de conhecimento do sujeito do meio rural, pois suas correntes conservadoras tinham uma visão exterior que ignoram a realidade do aluno, já para (Fernandes; Molina; Mertí, *apud* Baptista 2002, p. 20-1),

“A educação rural nunca foi alvo de interesse dos governantes, ficando sempre relegada ao segundo ou terceiro plano, “apêndice” da educação urbana. Foi e é uma educação que se limita a transmissão de conhecimentos já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade”. A educação rural projeta um território alienado porque propõe para os grupos sociais que vivem do trabalho da terra, um modelo de desenvolvimento, que os expropria. A origem da educação rural está na base do pensamento latifundiário empresarial do assistencialismo do controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem.

Considerando o modelo de educação rural existente naquela época na comunidade Invernada dos Negros, não podemos culpar os professores quilombolas que atuaram na escolinha da Corredeira, pois também eram vítimas desse modelo de educação, pois o Estado não

visualizava esses educadores que nem tinham formação adequada para entrar em sala de aula, obviamente que isso refletiu no ensino e aprendizagem dos alunos, que se quisessem avançar nos estudos até os anos finais do ensino fundamental teriam que ir estudar na escola do distrito de Ibicuí, distante 9 km da localidade, esse fator de distancia foi uma das limitações da escolaridade pelos herdeiros achando que para eles os estudos acabavam ali.

Como afirma seu Valdevino (65 anos),

(...) Essa professora que nos estudemos, foi até ali, e as outras sabiam só até ali também”! (risos). Agora eu não aprendi mais, por que chegou no fim mesmo ali. Mais tinha as professoras mais estudada, passava uma pra outra, que nem a Nair dava aula e estudava no Ibicuí.

Apesar dos herdeiros passarem por dificuldades na época, com a alfabetização eles aprenderam obrigatoriamente a lidar com a situação, conseguiam improvisar no material didático para poder estudar, nesse sentido o conhecimento deles serve até hoje como exemplo repassado para os filhos mais jovens, como ressalta dona Angelina ⁴⁵(67 anos), lembra que era muito estudiosa apesar de estudar apenas até a terceira série na escolinha da corredeira, perto de sua casa. A escola tinha muitos alunos, era de madeira e a professora da época arrumava as carteiras dos alunos para que ficassem alinhados, basicamente na primeira até terceira série aprendiam o, A-E-I-O-U, depois o chamado B-A= BA, enfim o alfabeto para aprender a ler, ela lembra que sua mãe era bem exigente com ela para aprender a ler bem, apesar e de não ter condição financeira para dar tudo que queriam, apenas a alimentação.

Segundo dona Angelina, na época existiam aqueles pacotes de açúcar chamados ‘Diana’, então ela tentava ler tudo o que tinha no pacote, ressalta ainda que era difícil ter os materiais escolares, pois naquele tempo não existia então sua mãe fazia de taquara translaçada parecido com cesto ou então cortavam pacotes vazios e já usados de arroz ou açúcar, amarravam uma espécie de cordinha e usavam o pacote como mochila para carregar os materiais e o lanche para a escola, conta que sua mãe cortava madeirinha e carvão do fogão a lenha para fazer seu lápis que durava muito tempo, quando perguntado sobre a refeição

⁴⁵ Tendo em vista o extenso relato de dona Angelina, a entrevista oral foi resumidamente transformada em texto.

da escola ela conta que naquele tempo as crianças tinham que levar de casa, pois a escola não oferecia, e o que ela mais levava batata doce assada, pinhão quando era tempo, ela estudava de tarde e quando chegava em casa ia direto ajudar os pais na lavoura .

Nos relatos dos mais velhos em unanimidade destaca-se pelo sofrimento existente desde o ambiente familiar até a chegada à escola. Esses momentos são lembrados com uma riqueza de detalhes, fato que eles não esquecem nem dos que já se foram e presenciaram e ajudara-os nesse momento difícil, onde as condições de miséria das famílias, também limitava a aprendizagem dos alunos, que faziam o possível para estudar, na fala de dona Bertolina (81 anos).

(...) Agora por que naquele tempo até os meus mesmos iam a baixo de chuva e geadas os coitadinho “discardo” não tinham “carçado”...geada “véia” quebra geada daqui lá na corredeira coitado do falecido pai João Bráulio que as criança chegavam lá encarangado de frio ele levava lá pra cozinha se aquece no fogo de chão fogo “véio” grande ...hum se aquece um pouco pra daí pega um lápis pra estuda, e hoje não hoje é transporte pra toda parte pra corredeira pro Ibicuí o transporte véio dos aluno tá que tá e tudo bem “calçadinho”, bem vestido e naquele tempo os coitadinho não iam...

Outra dificuldade relatada pelos herdeiros mais velhos tratava-se da ida para escola, pois apesar de não ser muito distante o caminho. O fato de fazerem o trajeto a pé dificultava a ida para a escola. Muitos sofreram principalmente no inverno quando a geada pegava os pés, pois geralmente a maioria ia de chinelo aberto, com poucas roupas sobre o corpo e passavam até mesmo fome devido a miséria confirmada por seu Valdivino (70 anos)

(...) vinha na escola discardo, geada véia pegando no pé e tinha que vim com o pezinho no barro. Pra começa já falai quando vinha na escola descaso já era “lezado”, mais isso ai é fichinha e a miséria de comida, pra vê hoje ai. e ajuda os vieos. (Valdivino, 70 anos)

Apesar de 60 anos se passarem as condições de estudo e da infra-estrutura escolar não parece ter grandes transformações, embora na atualidade já existam políticas que garantem um melhor acesso, como o transporte escolar. Entretanto agora com os jovens a dificuldade é em se manter na escola mesmo com vestimenta e tudo que o sistema escolar oferece, permanece a formação curricular e de professores com qualificação. Segundo relatos dos herdeiros eles se casavam muito cedo ainda no início da adolescência, na esperança de ter uma vida mais independente, logo eles abandonavam os estudos e dedicavam mais a sua vida ao trabalho na roça, e no caso das mulheres também se ocupavam nos afazeres domésticos cuidando dos filhos e marido. Os homens por sua vez eram os que na maioria das vezes assumiam a posição de sustentar a família, ainda naquele sistema mais rústico onde o machismo prevalecia, em um tempo que tudo era mais difícil para as mulheres terem vez e voz.

Quando aborda-se a dificuldade dos jovens de hoje com relação a escola, logo surgem questões como as enfrentadas por todo campo e cidade brasileira, as disciplinas e significado para a vida do jovem. Na Invernada os jovens citam com ênfase a dificuldade em aprender a matemática. Nos relatos dos jovens da atualidade Regiane (23 anos) e Lucas (14 anos), afirmam:

(...) eu estudei aqui mas parei no primeiro ano do ensino médio (...)mas era puxado o primeiro ano era puxado. ah.. aquelas conta, e daí eu não so muito bem de Matemática, eu gostava mais de português e educação física o resto...

(...) Tô no 1º ano ensino médio, maior dificuldade minha é em matemática por causa das contas número.

Os jovens da atualidade observam que essas dificuldades encontradas por eles na escola estão mais voltadas para a metodologia de ensino que a escola oferece, seguida da dificuldade do transporte escolar chegar até os pontos de ônibus em dias de chuva, como relatam a jovem Regiane⁴⁶ (23 anos), e Welinton⁴⁷ (14 anos)

(...) A maior dificuldade era na matemática as professora não ensinavam bem, elas passavam no quadro e tinha que fazer por fazer... agora tá bom mas no meu tempo só passava no quadro e

⁴⁶ Entrevista concedida em março de 2014.

⁴⁷ Entrevista concedida em março de 2014.

deixava, quem fez fez quem não fez(...) leva as criança no ponto tudo o dia, porque daí a “cômbi” não desse aqui né, dia de chuva é bicho feio.(Regiane)

A maior dificuldade minha é só na hora de responder as pergunta tem que decora na verdade a disciplina que eu mais gosto é matemática, tem que prestar bastante atenção e ficar em silêncio quando professor tá falando pra ele não fica repetindo um monte de vez, tenho vontade de fazer faculdade ou bastante curso, eu fico aqui só se achar serviço. (Welinton)

Em síntese fica ressaltado o fato de que a escola assume uma função conteudista, apenas tentando repassar conteúdos e desconsiderando a realidade do aluno.

Vejamos que em anos diferentes as dificuldades estão presentes, no caso da Invernada as relações de escola dos velhos com os jovens da atualidade, observa-se quando o conteúdo escolar é lembrado mais pelos jovens, e as dificuldades em ir para escola é contado pelos velhos, que tiveram que abandonar para poder trabalhar como relata pelas herdeiras, dona Maria Virgínia, (65 anos) e Maria Jací (66 anos).

(...) sai por que não quis mais estuda e tinha que trabalha na lavoura daí não estudei mais, naquela época não era exigente que nem hoje só que tem que estuda né ao menos um pouco se tem que aprende.

Hoje é fácil pros aluno tá na escola que vão né com a barriguinha cheia, chega lá tem a merenda nós não tinha nada disso, a mãe macetava os pinhãozinho cedo quando era tempo de pinhão e nós saia com o Girdo (irmão, com um punhadinho de pinhão pra come na estrada era o nosso café.

O currículo, considerando os processos formadores dos sujeitos coletivos da produção da vida no campo; o trabalho livremente associado em contraponto ao trabalho alienado, assalariado; o trabalho como princípio educativo; a cultura (que inclui a dimensão conhecimento), a luta social, a organização Fato que é visível uma vez que os jovens de hoje não relatam dificuldades em ir para escola, mas sim como a escola de hoje ensina. Nesse sentido fala-se do currículo escolar que também aliena o professor de tal forma colocando-o na

posição de imobilidade diante do que o sistema escolar exige. Considerando esse contexto compreendemos que a transformação ou reformulação do currículo pode contribuir para uma educação com significado aos jovens. Como as bases para construção das Diretrizes operacionais para Educação do Campo, propõe (2010, p.25),

Coletiva, a autodeterminação. Currículo que trabalha com vida real e sua especificidade, contradições, necessidades e possibilidades: sujeitos, relações sociais, processos produtivos.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos mais velhos hoje eles enfatizam a vontade de voltar a estudar, já que suas trajetórias foram interrompidas tão precocemente, tendo em vista que o trabalho vem a ganhar na disputa com escolaridade, já que a sobrevivência é uma questão de primeira ordem. Nesse contexto da relação dos jovens quilombolas com a educação urbanizada que está posta, observa-se que existe um desânimo que desestrutura o jovem, sem estímulos e perspectivas de futuro.

2.2 Os avanços e limites na escolarização

Considerando o atual modelo, observa-se que em relação há 60 anos a educação deu um salto considerável, porém muito ainda precisa ser feito. Ampliou-se o número de jovens no ensino fundamental e médio, mas para os jovens do quilombo o acesso a universidade ainda é impossibilitado, realidade de muitas comunidades rurais do Brasil

Uma das dificuldades reside no currículo escolar que engloba as disciplinas, é preciso que os discentes compreendam que analisar o problema é muito mais fundo do que se pode imaginar, é preciso mexer nas raízes dos problemas educacionais. Nesse sentido a Educação do Campo e a Educação Quilombola, vem fortalecer a luta por uma educação voltada para esses sujeitos dessas comunidades, ressaltada por Fernandes e Molina (p. 63. 2002),

(...) Por essas razões é que afirmamos a Educação do Campo como um novo paradigma que vem sendo construído por esses grupos sociais e que rompe com paradigma da educação rural, cuja referência é a do produtivismo, ou seja, o campo somente como lugar da produção de mercadorias e não com espaço de vida. O movimento por uma Educação no Campo, recusa essa visão, concebe o campo com espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na

terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, o trabalho, a cultura, e suas relações sociais. (...) um princípio da Educação do Campo é que sujeitos da educação são sujeitos do campo: pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos de floresta, caipiras, lavradores, roçeiros, sem terra, agregados, caboclos, meeiros, bóias-frias.

Ao fazer uma média por ano, os herdeiros tiveram a chance de se dedicar ao estudo na sua vida cursando até no máximo a 5 série. Mas apesar de pouco tempo os que frequentaram as aulas guardam na memória todas as situações que viveram na escola, sejam elas lembranças boas ou ruins, como narra dona Maria Jací, (66 anos), no tempo em que estudava.

(...) Não, agora ai aprendimo alguma coisinha por que era pra aprende mais, era bicho feio, eu fiquei doente na escola por que eu li na cartilha assim, tinha a foto de um pão e um queijo e fazia anos que eu não enxergava nem pão e nem queijo e eu comecei lê e derrepente ôiei naquela figura ali me atacou as “bichas”, e essa mãe da Ester que era minha professora que mão dava num período e filha no outro período, tava lá e eu comecei a faze ânsia e passa mal ela levo eu na casa dela e me deu um chá e perguntou pra mim se eu tava com fome, ai eu disse que tava e dai ela disse o que você queria come, eu disse eu queria come um pão nem falei em queijo mas eu queria o queijo também, ela cortou um pão assim e passou uma “chimia” que eu nem conhecia a tarde de uma aquela coisa bonita em cima do pão assim e me deu uma xícara de café com leite eu comi aquilo dai miorei e vortei lá na escola... o que nós passemos fia. Agora não dá para se queixar até não dá.

Atualmente os jovens em geral, dedicam de doze a treze anos de suas vidas até chegar ao ensino médio e são poucos os que, quando perguntados, lembraram-se de fatos que marcaram sua vida escolar. Já é difícil lembrar de todo conteúdo estudado imaginemos o resto, com o sistema de ensino público que temos e a decadência de professores qualificados para atuar nas escolas. Muitos jovens decidem casar e

abandonar o estudo sem perspectiva nenhuma já que a escola atual que se tem não oportuniza atrativos para o jovem.

Diferente dos velhos, os jovens entrevistados pensam em fazer faculdade, mas consideram um sonho distante, ao contrário dos velhos, que não sabiam nem o que significava essa palavra “faculdade” na época. Entretanto hoje são os velhos que mais incentivam os jovens da comunidade a estudar, já pensando que futuramente, o desenvolvimento do quilombo dependerá deles.

Os jovens ao abandonar os estudos têm como consequência disso, ainda na adolescência, iniciar a vida conjugal muito cedo. Casam e param de estudar como ocorreu com os mais velhos ou então no caso de algumas meninas, engravidam e vivem como mãe solteira, caso da jovem Regiane, (23 anos),

Eu parei por que daí eu engravidei dela e daí não tem com quem eu deixar ela pra mim volta estudar.

Os jovens casados, se vendo sob essa condição, dificilmente voltam a concluir seus estudos. Outra situação observada durante as entrevistas é que os meninos do quilombo são mais tímidos que as meninas, estão de certa forma desmotivados, sem interação social. Segundo Luíz César, (30 anos),

Há parei de estudar porque tinha que trabalhar né. Tinha dificuldade em matemática. Eu tenho vontade de continuar estudar eu queria fazer faculdade de veterinário pra trabalha aqui , eu vou continuar aqui

Como podemos inserir uma educação que de conta de fortalecer os sujeitos, prepará-los para enfrentar os conflitos futuros de luta pela sobrevivência em sua terra? Nesse sentido observo que os herdeiros não estavam preparados e eles reconhecem, mas hoje lutam para além da terra, reivindicam uma escola de ensino médio, mas não uma escola tradicional que apenas repassa conteúdo ou que não leve em consideração os conhecimentos adquiridos daquela comunidade. Lutam por uma escola que ensine que discuta as situações vividas, dialogue com a comunidade e que aprenda com os sujeitos. Isso é compreendido pelas ideias de Fernandes e Molina (2002, p.61).

Por meio da educação acontece o processo de construção do conhecimento, da pesquisa necessária para apropriação de projetos de desenvolvimento. Produzir seu espaço significa

construir o seu próprio pensamento. E isso só é possível com uma educação voltada para os seus interesses, suas necessidades, suas identidades aspectos não considerados pelo paradigma da educação rural.

Dessa forma, reiteramos a necessidade de articulação entre Educação do Campo e Quilombola, por compreendermos que juntas podem contribuir para o avanço na escolarização nessas comunidades tradicionais.

CONCLUSÃO

A juventude da comunidade da Invernada dos Negros, já vem desde muitos anos passando por diversas mudanças ao longo do tempo, quase sempre por deslocamentos em busca de uma vida melhor que lhe garanta o sustento e as suas necessidades. Ser jovem atualmente não é tão fácil assim, pois existem inseguranças, angústias, sonhos, tristezas, que às vezes muitos preferem preencher com outro tipo de atividade, ora com lazer, principalmente quando se vive em cidades como grandes metrópoles, porém essa atividade não se estende no interior, ou seja, mais precisamente na comunidade da Invernada dos Negros, onde muitos jovens tiveram o sonho interrompido por não ter acesso a uma educação com qualidade, conseqüentemente tendo que abandonar seus estudos para se dedicar ao trabalho.

Ao analisar as relações de trabalho e educação dos herdeiros e jovens da atualidade considero que em ambos os tempos havia um processo de exploração no trabalho, que antes eram para as madeiras instaladas na região e agora com a juventude trabalhando para as agroindústrias. O processo de discussão sobre a entrada do agronegócio e a subordinação do trabalho ainda é lenta na comunidade. A falta de processos educativos que trabalhem com essas questões compromete a compreensão desses sujeitos e, portanto, o futuro da Invernada.

Nas relações de escolarização, considera-se que nos anos 60 os herdeiros ficaram estagnados no tempo devido à falta de educação qualificada para aquela comunidade. Um problema histórico de negação de políticas públicas às comunidades quilombolas.

Um dos fatores dos anos 60, vivenciado pelos herdeiros da Invernada que contribuiu para defasagem foi o modelo de educação rural. Compreendemos e apontamos a importância da Educação do Campo e quilombola para o avanço da compreensão sobre a realidade da Invernada dos Negros.

O processo de compreensão sobre a subordinação e exploração no trabalho assalariado pode ser viabilizado com o acesso à educação, mas não nos moldes que está posta. Trata-se de uma nova perspectiva que leve em consideração a realidade dos sujeitos, sua cultura, suas necessidades de aprendizado processual, por isso observamos que em sentido geral no campo, a Educação do Campo tem muito a contribuir e mais especificamente nas comunidades quilombolas a educação quilombola, ambas podem andar juntas.

Foi nesse momento do curso que comecei a compreender e ter um olhar diferenciado para a vida que eu levava e a sociedade em geral.

Nesse sentido observo que tive muitos aprendizados e me proporcionou lutar ainda mais pela minha comunidade e pela vontade de contribuir com a juventude, tentando mostrar para eles também a sua importância na comunidade.

Ao compreendermos que o trabalho chegou muito antes da escola na comunidade Invernada dos Negros, surge a necessidade de reparar essa história, questionando junto com a comunidade o modelo de trabalho que está posto atualmente e lutando para uma nova educação voltada aos interesses da comunidade que possibilite o acesso do maior nível de escolaridade além de condições estruturais, como novas escolas, transporte, cursos preparatórios para vestibular, para reinserção escolar daqueles que pararam de estudar. Assim garantindo que as próximas gerações de jovens quilombolas possam usufruir também dessas possibilidades, que há muito lhes é negada.

Para concluir, é importante afirmar que essa pesquisa, bem como o curso de Licenciatura em Educação do Campo trouxe elementos que contribuíram para compreender a real situação vivida na comunidade da Invernada dos Negros, suas problemáticas, sobretudo acerca do trabalho e da escola, demonstrando a importância dessas duas gerações para existência desse espaço como local de identidade e luta para sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina e F, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. De Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AZEVEDO, Elizabeth, **Imaribo 60 anos**. São Paulo:DBA. 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos**; São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória : Ensaio de Psicologia Social** – São Paulo : Ateliê Editorial, 2003.

BASES, **para a construção das diretrizes operacionais para a Educação no Campo**. 2010.

CALDART, Roseli, S (orgs). **Por uma educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas**. V.4. Brasília 2002.

FEITOSA, Izabel, C; DIMENSTEIN, M. **Trabalho infantil e ideologia nas falas de mães de crianças trabalhadoras**. Artigo. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, 2004.

FIABANI, A. **Mato, Palhoça, e Pilão: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes**. Ed. 2 –São Paulo: Expressão Popular , 432,p. 2012.

GRANDI, Marcela, A. **Memória, Mineração e Meio Ambiente: história ambiental das minas de prata no sul de Blumenau -SC**. Monografia. Universidade Regional de Blumenau, 2009.

(Introdução ao Marxismo), Realidade Brasileira: Curso Básico, Caderno de Formação 10, 1990.

JANATA, Natacha Eugênia. **“Fuxicando” sobre a cultura do trabalho e do lúdico das meninas- jovens- mulheres de assentamento do MST**. Dissertação de Mestrado.

MARX, karl. 1977. O capital. **Crítica da economia política**: livrol. - Ed. 27. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

MENDEL, E. **Introdução ao Marxismo**. Ed. 4. Editora Movimento. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1982.

MOMBELLI, R; BENTO, J. **Relatórios Antropológicos – Invernada dos Negros** in: Boletim Informativo NUER (Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas.– . – v.3, n. 3 – Florianópolis, NUER/UFSC, 2006.

NASCIMENTO, Cleonice F; MULLER, Maria Lúcia R. **A influência da Cor/Raça na trajetória de professoras negras**. Artigo / XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências sociais – UFBA/UFMT, 2011.

PINTO, Cristiane, B. **Memória dos Velhos**. Monografia. Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bom Fim 2010.

SEVERINO, Antônio, J. **Metodologia do trabalho científico**. - Ed. 23.rev. E atual. -São Paulo: Cotez, 2007.

SILVA, Zoraide, P. **Resistência dos quilombos na poesia de José Carlos Limeira**. Artigo. LITERAFRO. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SILVANIÂ; GUIMARÃES Et. Al, VENCESLAU, Bruna, HUDSON, Francisco, C, BRUM, Marcela, S, PEREIRA, Mariana, C. Artigo. **Educação Escolar Quilombola: Deslocamentos e Relações de Trabalho no Dia a Dia da Escola**. Goiás, p 217. 2011.

SOUZA, Ely, G. **Dona Romilda e Sua Topôlogia: as deformações da Lã de Ovelha**. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina, julho de 2013.

SITES PESQUISADOS

<http://www.historiabrasileira.com/escravidao-no-brasil/navios-negreiro>, acesso em: 20 de maio de 2014.

<http://www.brasilecola.com/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>, acessado em: 21 de maio de 2014.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>, acesso em: 05 julho de 2014.

<http://www.brasilecola.com/filosofia/capital-trabalho-alienacao-segundo-karl-marx.htm>, , acessado em: 21 de maio.

http://www.iguacucelulose.com.br/uni_industriais/uni_cnovos.htm,
acesso em: 28 de fevereiro de 2014.

<http://www.idhid.org.br/index.php?menu=item&id=33>, acesso em: 23
de maio de 2014.

http://www.grupoescolar.com/materia/o_trafico_e_os_navios_negreiros.html,
acesso em: 19 de maio de 2014.

<http://www.brf-br.com/paginas.cfm?sub=27>, acesso
em: 21 de maio de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_negreiro, acesso em: 09 de maio de
2014

ANEXOS

CARTA CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA UFSC

Pelo presente documento, Eu,..... estado civil,..... documento de identidadee CPF,..... , brasileiro declaro para os devidos fins que cedo e transcreve nesse ato gratuitamente, em caráter universal e definitivo a UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia/...../2014. Assim como a autorização de imagem prestadas para (Adriana Ferreira da Silva, usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data, para a devida pesquisa acadêmica. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Local: Comunidade Invernada dos Negros Data :

Testemunhas UFSC (Entrevistadora)

.....

CPF:

Assinatura do Depoente

Observação: Esse documento foi devidamente assinado por cada entrevistado.

Roteiro para os jovens da comunidade Invernada dos Negros

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Em qual escola estudou de na infância? O que achava da escola?
- 4- Você estuda? Qual escola? Em que ano?
- 5- Você parou de estudar em que série? Quais os motivos que levaram a sair da escola?
- 6- Como você considera a qualidade de ensino na sua escola?
- 7- Existem dificuldades em estudar nessa escola quais?
- 8- O que você acha que é preciso para ser um bom aluno?
- 9- Quanto tempo leva até chegar à escola? Qual é a rotina da escola?
- 10- Como é a estrutura física da escola?
- 11- Que tipo de material a escola utiliza para ensinar?
- 12- A escola oferece merenda escolar?
- 13- Você se considera um bom aluno? Em qual matéria se destaca mais?
- 14- Você já sentiu algum tipo de preconceito por ser da comunidade da invernada?
- 15- O que pensa em fazer quando concluir o ensino médio?
- 16- Quais os tipos de lazer que você tem aqui na comunidade?
- 17- Você trabalha? Com o que? Aonde?
- 18- Como você conseguiu esse emprego?
- 19- Em sua opinião existem outras opções de emprego por aqui? Quais e onde?
- 20- Você gosta de trabalhar nesse serviço? Por quê? Quais os benefícios ou as dificuldades?
- 21- Pretende continuar nesse tipo de emprego?
- 22- Tem intenção de continuar morando na invernada?
- 23- Pretende concluir seus estudos e fazer uma faculdade?
- 24- A sua infância foi boa? Quais lembranças que você considera ser mais importante na sua infância?
- 25- O que sabe sobre a vida dos seus pais? Como a infância ou o trabalho que eles exerciam na época?
- 26- Você se identifica como quilombola? Você fala para seus colegas da escola que é descendente de quilombo?
- 27- O que seus colegas e professores falam?
- 28- Você gostaria que tivesse uma escola de ensino médio na comunidade?

- 29- Se todas as terras saíssem hoje, o que você faria? Continuaría aqui? E o que pretendia plantar?
- 30- Qual é a maior dificuldade em morar aqui na comunidade hoje?

Roteiro sobre escolarização de descendentes de quilombo de 1960 á 1980 na Invernada

- 1- Qual seu nome?
- 2- Qual sua idade?
- 3- Há quanto tempo mora na invernada?
- 4- Você gosta de morar aqui?
- 5- Em que seus pais trabalhavam naquela época?
- 6- Como foi a sua infância? Houve Dificuldades? Quais?
- 7- Se você chegou a estudar naquela época, como você ia para a escola? Que horas você saia de casa e chegava na escola?
- 8- Vocês usavam uniforme da escola? Como era?
- 9- No caminho até a escola você ainda lembra alguma recordação importante da época?
- 10- Como era a estrutura da escola naquele tempo? Como eram as carteiras, quadro, paredes etc? Que tipo de material você usava para estudar? Conseguiram aprender?
- 11- Você lembra qual era a formação do professor que dava aula?
- 12- Você lembra quantos alunos eram ao todo na escola?
- 13- Como os seus colegas se comportavam em sala de aula? Existia respeito ao professor?
- 14- A escola oferecia alimentação ou não?
- 15- Você se considerava um bom aluno?
- 16- Você conseguiu concluir seus estudos sim ou não (se não) quais foram os motivos?
- 17- Qual a importância que tem a escola para você hoje em dia?
- 18- Como você vê a escola hoje e os alunos que se tem nas escolas? Houve mudanças, quais?